



**Vol. 1, n.1
Jan/2025**



Complexo de Educação e Pesquisa Humanize
Núcleo de Pesquisa Experience Humanize
Programa de Apoio a Editoração e Pesquisa
Editora Humanize

Avanços e Abordagens Multiprofissionais na Promoção da Saúde e Qualidade de Vida



Vol. 1, n.1
Jan/2025



Complexo de Educação e Pesquisa Humanize
Núcleo de Pesquisa Experience Humanize
Programa de Apoio a Editoração e Pesquisa
Editora Humanize

Avanços e Abordagens Multiprofissionais na Promoção da Saúde e Qualidade de Vida

Excellence in Research Journal

Vol. 1, n. 1

Responsável

Complexo de Educação e Pesquisa Humanize
Editora Humanize

EXCELLENCE IN RESEARCH JOURNAL



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Editora Humanize, BA, Salvador)

EXCELLENCE IN RESEARCH JOURNAL [revista eletrônica] Salvador – Bahia/ BA:
Editora Humanize, 2025

1 revista eletrônica: 51 p.; v. 1, n. 1 (2025); il.

Periodicidade: Fluxo Contínuo

ISSN: 3085-976X

1. Pesquisa 2. Saúde 3. Medicina 4. Multidisciplinar

I. Título

CDD 610/ 001.42



Apresentação

É com grande entusiasmo que anunciamos o lançamento do Volume 1 da Excellence in Research Journal from Humanize Education and Research Complex, uma revista científica que nasce com a missão de disseminar conhecimento de alta qualidade, fomentar a inovação e promover o avanço da pesquisa em diversas áreas do saber.

O Volume 1 representa o início de um projeto que valoriza a interdisciplinaridade, a produção científica rigorosa e o compromisso com a excelência acadêmica. Nosso objetivo é oferecer um espaço para a publicação de trabalhos inovadores, relevantes e que contribuam de forma significativa para a ciência e a sociedade.

Nesta edição inaugural, serão contemplados artigos originais, revisões sistemáticas, estudos de caso e comunicações científicas que destacam a inovação, o pensamento crítico e os impactos positivos da pesquisa global. Todas as contribuições serão definidas por meio de um processo de avaliação por pares, garantindo qualidade e adicional.

Objetivos desta Edição:

- Oferecer um espaço para publicação de pesquisas de excelência;
- Incentivar a interação científica interdisciplinar;
- Divulgar trabalhos com rigor metodológico e relevância prática.

O lançamento do Volume 1 da Excellence in Research Journal simboliza o início de uma trajetória promissora. Estamos comprometidos em construir uma plataforma que inspire, conecte e contribua para a produção de conhecimento científico global.

Aos pesquisadores, acadêmicos e profissionais, convidamos vocês a acompanhar esta edição e a contribuir com suas futuras produções. A ciência avança por meio do compartilhamento de ideias e descobertas, e é com essa visão que construímos a Excellence in Research Journal.

Sumário

Artigo 01: VISITA DOMICILIAR E A SUA IMPORTÂNCIA NO RASTREIO DE PATOLOGIAS POR UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE: SÍNTESE INTEGRATIVA DA LITERATURA.....8

INTRODUÇÃO.....	9
METODOLOGIA.....	10
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18

Artigo 02: INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS E FATORES PSICOSSOCIAIS NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA20

INTRODUÇÃO.....	21
METODOLOGIA.....	22
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24

Artigo 03: ABORDAGENS MULTIPROFISSIONAIS PARA A REABILITAÇÃO E TRATAMENTO DE LESÕES EM ATLETAS DE MMA.....27

INTRODUÇÃO.....	28
METODOLOGIA.....	29
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31

Artigo 04: USO DE CANABINOIDES NO APOIO À RECUPERAÇÃO MOTORA E COGNITIVA APÓS UM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: EVIDÊNCIAS ATUAIS E IMPLICAÇÕES FUTURAS33

INTRODUÇÃO.....	34
METODOLOGIA.....	35
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39

Artigo 05: RELAÇÃO ENTRE IMAGEM CORPORAL E SAÚDE MENTAL DE PESSOAS IDOSAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA42

INTRODUÇÃO.....	43
METODOLOGIA.....	45
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49

Artigo 06: MUITO ESTÍMULO, POUCO DESENVOLVIMENTO? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE OS EFEITOS DA HIPERESTIMULAÇÃO NO CÉREBRO INFANTIL	52
INTRODUÇÃO	53
METODOLOGIA	54
RESULTADOS E DISCUSSÃO	55
CONCLUSÃO	56
 Artigo 07: O CÉREBRO HIPERCONECTADO: QUAL O IMPACTO DA EXPOSIÇÃO DIGITAL NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL?	58
INTRODUÇÃO	59
METODOLOGIA	59
RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
CONCLUSÃO	60
 Artigo 08: EFICÁCIA DA MUSICOTERAPIA RECEPTIVA NA REDUÇÃO DE SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: REVISÃO SISTEMÁTICA.....	63
INTRODUÇÃO	64
METODOLOGIA	64
RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
CONCLUSÃO	65
 Artigo 09: CEFALEIA CRÔNICA POR USO EXCESSIVO DE ANALGÉSICOS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.....	68
INTRODUÇÃO	69
METODOLOGIA	71
RESULTADOS E DISCUSSÃO	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
 Artigo 10: O USO DO CANABIDIOL NO TRATAMENTO DA DOR CRÔNICA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.....	80
INTRODUÇÃO	81
METODOLOGIA	83
RESULTADOS E DISCUSSÃO	86
CONCLUSÃO	90

VISITA DOMICILIAR E A SUA IMPORTÂNCIA NO RASTREIO DE PATOLOGIAS POR UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE: SÍNTESE INTEGRATIVA DA LITERATURA



VISITA DOMICILIAR E A SUA IMPORTÂNCIA NO RASTREIO DE PATOLOGIAS POR UMA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DE SAÚDE: SÍNTESE INTEGRATIVA DA LITERATURA

¹Natalia Davila Rodrigues Pereira, ²Elisabete Soares de Santana; ²Maria Aparecida Espírito Santo da Silva; ³Beatriz Augusta Silva, ⁴Tereza Raquel Xavier Viana

1 Graduada em Odontologia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos -PB; 2 Graduanda em Farmácia pela Faculdade Santíssima Trindade - FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil; 3 Graduanda em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE; 4 Mestranda em Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Jundiaí – SP, Brasil.

RESUMO: A visita domiciliar desempenha um papel fundamental no rastreio precoce de patologias e no acompanhamento contínuo de pacientes em seu ambiente familiar, é uma ação que favorece a construção de conhecimentos a partir dos problemas existentes nas comunidades, principalmente envolvendo uma equipe multiprofissional, que torna o cuidado integral e de qualidade. Este trabalho tem como objetivo analisar na literatura a eficácia das visitas domiciliares realizadas por equipes multiprofissionais no rastreamento de patologias, destacando sua importância e os desafios associados a essa prática. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados Periódicos CAPES e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram incluídos 16 artigos que atenderam aos seguintes critérios: publicados entre 2019 e 2024, em inglês e/ou português, alinhados ao tema proposto e classificados como estudos observacionais ou de prevalência. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados na pesquisa foram: “Equipe Multiprofissional”, “Visita Domiciliar” e “Saúde”. A equipe multiprofissional, amplia a capacidade de diagnóstico, promovendo intervenções preventivas e reabilitadoras que promovem a integralidade do cuidado. A integração de diferentes áreas do conhecimento permite a identificação precoce de doenças, mas também a orientação e o suporte adequados ao paciente e sua família. Estudos reforçam a importância da equipe multidisciplinar no processo do cuidado as comunidades, onde sua atuação garante um atendimento humanizado, integral, contínuo e que garante melhoria na qualidade de vida, ao passo que conhecendo a realidade em que cada família vive e os fatores de risco a patologias, promovem a descoberta de doenças como: diabetes, hipertensão e doenças respiratórias entre outras, de forma precoce e a reabilitação de agravos existentes nas mais variadas faixas etárias. Isso pode ser significativamente otimizado com visitas regulares de uma equipe qualificada. Há desafios no decorrer do processo, mais a equipe da unidade sendo capacitada e capacitando acadêmicos e profissionais junto as vivências, torna o processo mais possível de execução.

Palavras-chave: Equipe Multiprofissional, Prevenção, Rastreamento de Patologias, Saúde Pública, Visita Domiciliar.

INTRODUÇÃO

A visita domiciliar é uma prática fundamental na Atenção Primária à Saúde (APS), pois facilita a construção de conhecimentos a partir das realidades e problemas encontrados nas comunidades. Essa ação proporciona uma formação humanizada para estudantes e profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS), ao mesmo tempo em que fortalece o vínculo entre os profissionais de saúde e a população. Nesse processo, os agentes comunitários de saúde desempenham um papel crucial, atuando como elo entre a população e a atenção básica. Eles promovem reflexão, disseminam conhecimento e oferecem cuidado, contribuindo significativamente para a melhoria da saúde coletiva (Alves, 2021).

Os serviços de APS possuem um conhecimento profundo sobre os moradores de sua área de atuação, permitindo identificar fatores condicionantes e determinantes de saúde específicos da comunidade. Essa compreensão facilita o planejamento de intervenções mais eficazes e adaptadas às necessidades individuais e coletivas. Nesse contexto, as visitas domiciliares realizadas por equipes multiprofissionais são essenciais, pois permitem o reconhecimento da singularidade de cada indivíduo, favorecendo a identificação de aspectos que possam comprometer a prevenção ou o tratamento de doenças. O acompanhamento regular de grupos vulneráveis, como puérperas, recém-nascidos, idosos e pessoas acamadas, contribui para um atendimento mais personalizado e eficaz (Magagnin, 2024).

A complexidade no manejo de doenças raras na APS é um desafio devido às dificuldades de diagnóstico, tratamento e acesso a serviços especializados, agravado pela ausência de contrarreferência de outras especialidades, que compromete a continuidade e a coordenação do cuidado. Uma comunicação clara sobre os serviços disponíveis é essencial para que a população compreenda suas opções e busque assistência de forma informada. Além disso, a participação de acadêmicos em visitas domiciliares contribui para a formação de profissionais mais seguros e capacitados, ampliando o alcance do atendimento e promovendo a colaboração entre diferentes áreas, o que beneficia pacientes e aprimora a qualidade do cuidado prestado (Noronha, 2021).

Durante as visitas, médicos, enfermeiros, dentistas, fisioterapeutas, psicólogos e agentes comunitários de saúde trabalham de forma integrada, desenvolvendo estratégias de gestão e avaliação que abordam tanto os aspectos gerenciais da saúde quanto as necessidades clínicas dos pacientes. Esse trabalho conjunto permite um planejamento adequado das intervenções e acompanhamento das condições crônicas, promovendo a saúde e o bem-estar do indivíduo de forma mais eficaz e integral (Alves, 2021; Noronha, 2021). Assim, as equipes multiprofissionais garantem uma abordagem holística, que vai além do tratamento de doenças, promovendo a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar da população.

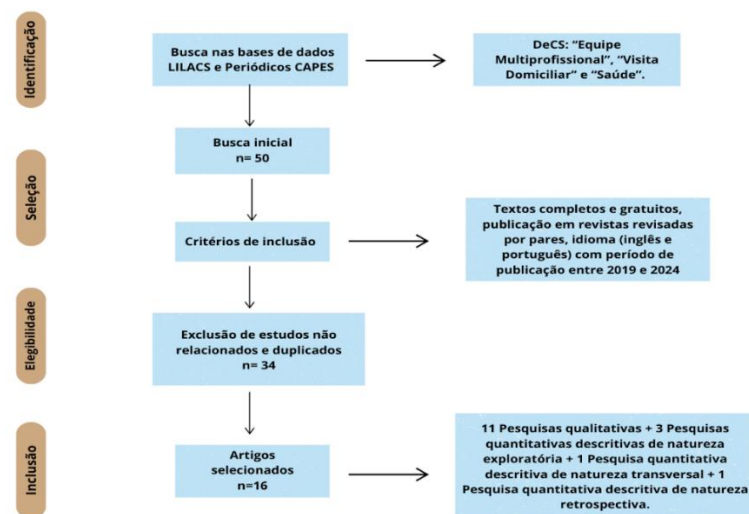
Este estudo tem como objetivo analisar a eficácia das visitas domiciliares realizadas por equipes multiprofissionais no rastreamento de patologias, explorando sua importância e os desafios associados a essa prática.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada no mês de Setembro de 2024, utilizando as bases de dados Periódicos CAPES e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram encontrados 50 artigos, dos quais 16 atenderam aos critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos cinco anos (2019 – 2024), na língua inglesa e/ou portuguesa, alinhados à temática proposta e que sejam estudos observacionais e de prevalência.

Os critérios de exclusão incluíram artigos que não abordavam o objetivo do estudo e duplicados. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: “Equipe Multiprofissional”, “Visita Domiciliar” e “Saúde”, combinadas ao operador booleano “AND” (Figura 1). A metodologia foi selecionada para garantir a inserção dos artigos mais relevantes e atualizados, fornecendo uma visão abrangente sobre o tema a ser abordado.

Figura 1: Fluxograma do processo de busca dos artigos científicos.



Fonte: Processo de pesquisa literária - elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foram selecionados 50 trabalhos, dos quais 16 artigos científicos atenderam aos critérios de inclusão e exclusão e foram, assim, incluídos na pesquisa. Após a leitura completa de cada artigo, elaborou-se uma tabela destacando as principais características e tópicos relevantes para este estudo (Tabela 1).

Tabela 1 – Apresentação dos artigos incluídos na revisão.

Dutra et al. (2022)	Relatar as principais ações, como as visitas domiciliares, que tinham o enfoque na atenção primária à saúde, a busca ativa de demandas urgentes dos usuários e a importância delas no cuidado em saúde de uma comunidade incluída no Projeto Rede de Cuidados Territoriais, realizado pela Universidade de Passo Fundo, Brasil.	Relato de experiência Local: Passo Fundo.	Projeto foi essencial para o conhecimento sobre o território e sua importância, sobre a estratégia da rede de atenção à saúde, criada entendendo os sujeitos na sua singularidade e complexidade, relacionando as patologias com suas condições biopsicossociais, seu modo de vida, de trabalho, o local em que o indivíduo está inserido.
Mestriner et al. (2022)	Relatar a experiência oriunda das atividades de ensino realizadas no estágio acadêmico dos alunos do 7º e 8º períodos do curso de Fisioterapia da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)	Relato de experiência. Vivenciaram a experiência 96 estagiários (48 por ano). Realizado em Ribeirão Preto.	A experiência no território permitiu: ampliar a vivência dos discentes na ESF, possibilitando a observação e a reflexão sobre o trabalho em equipe nesse contexto; e sensibilizar os acadêmicos

			para as necessidades em saúde da população e discutir essas necessidades a partir da educação em saúde.
Paixão et al. (2022)	Descrever e analisar as ações e as atividades realizadas pelos estudantes de TO participantes do Projeto Multicampi Saúde da Criança à clientela de mães e crianças, pautadas na CC no contexto da AB.	Pesquisa de caráter quantitativo, descritivo e retrospectivo, Com análise dos diários de campo dos discentes do curso de TO que participaram do Projeto Multicampi Saúde da Criança, por dois pesquisadores. Realizado no RJ.	O domicílio do usuário configura-se como um local potencial para obter melhores resultados, uma vez que é o contexto no qual se encontram os fatores e as condições reais do usuário, os TA são aqueles que reorganizam hábitos, rotinas, papéis sociais e atividades de vida diária.
Alencar et al. (2023)	Relatar a experiência de profissionais de saúde residentes em Saúde da Família e Comunidade dos núcleos profissionais de enfermagem, nutrição e odontologia em visitas puerperais.	Relato de experiência de quatro profissionais-residentes das categorias de enfermagem, odontologia e nutrição da RIS/ESP/CE, realizado em Iguatu-Ce.	A equipe multiprofissional nas visitas puerperais foi uma experiência de grande relevância tanto para as profissionais de saúde como para os pacientes, pois possibilitou, através da educação em saúde, a ampliação do cuidado com a saúde materno-infantil, o fornecimento de orientações e, com isso, a melhoria da qualidade de saúde.
Bezerra et al. (2023)	Descrever o cuidado prestado às crianças com necessidades especiais de saúde nos Serviços de Atenção Domiciliar do estado de Mato Grosso do Sul.	Pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória. Participaram do estudo todos os oito serviços do estado, pertencentes às seguintes categorias profissionais: enfermeiros (quatro), fisioterapeutas (dois), médico (um) e nutricionista (um). Realizado em Mato Grosso do Sul.	Embora os serviços possam expandir o atendimento e utilizem o Plano Terapêutico Singular, ainda são necessários avanços na assistência às crianças e famílias. Recomenda-se a criação de protocolos de fluxo e propostas organizacionais para apoiar os profissionais em sua prática.
Benitez et al. (2023)	Relatar a experiência da Visita domiciliar realizada por acadêmicos do curso de Medicina junto a profissionais que integram a equipe multiprofissional do Centro de Nutrição Infantil.	Estudo descrito, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em Foz do Iguaçu, no Centro de Nutrição Infantil (CENNI). Foram analisados os discursos redigidos nos diários de campo de dois acadêmicos e de três profissionais que	Demonstra-se importância dessa prática nos espaços de formação, visando o estabelecimento de vínculo e a resolutividade dos problemas dos usuários de forma integral e humanizada.

		compõem a equipe multiprofissional, com a utilização de um diário de campo para coleta das informações.	
Lavezzo et al. (2023)	Identificar estratégias adotadas por profissionais atuantes na atenção básica à saúde, em um município da região Sul do Brasil, e analisar suas percepções sobre fatores dificultadores e facilitadores no cuidado a pessoas com necessidades decorrentes do uso de substâncias	Estudo qualitativo estudo qualitativo, contou-se com a participação de 11 profissionais de saúde. Estudo quantitativo composta por 32 profissionais de saúde vinculados à AB, representando 16 das 31 unidades de um município do litoral norte de Santa Catarina.	As principais estratégias e fatores facilitadores identificados foram o acolhimento à demanda espontânea, a visita domiciliar e o envolvimento da família na identificação, e a articulação dos serviços, matriciamento, vínculo, e a multidisciplinaridade na intervenção.
Magagnin et al. (2024)	Compreender a atuação das equipes de APS no cuidado às pessoas com Acidente Vascular Cerebral após a alta hospitalar.	Estudo de caso único, com unidades de análise integradas, de abordagem qualitativa. Envolveu 35 participantes.	Evidencia-se a importância da contrarreferência, o papel do Agente Comunitário de Saúde e da equipe multiprofissional, promoção da saúde, prevenção secundária, visita domiciliar como atributo visceral e enfermeiro como gestor do cuidado.

Fonte: Processo de pesquisa literária - elaborado pelos autores.

A Atenção Domiciliar é referida como um tipo de atendimento realizado em domicílio sendo do paciente, promove condições de continuidade de tratamento fora de unidades hospitalares, em casos de pacientes que não possuem capacidade em se deslocar aos serviços de saúde, possui o objetivo de prevenir, controlar e tratar agravos, promovendo medidas paliativas e também reabilitadoras, visando a melhoria da qualidade de vida. Diante disso, uma equipe multidisciplinar gera um cuidado integrado ao paciente, proporcionando uma saúde de qualidade a população assistida (Reis, 2021).

As práticas em saúde são direcionadas pelas formas de compreender o mundo dos indivíduos, o usuário necessita do serviço de saúde por motivos e causas variados. As práticas assistenciais e os serviços de saúde disponibilizados são voltados para o que os profissionais compreendem como necessidades, diante disso, as visitas

domiciliares geram conhecimento da realidade das pessoas, facilitando o conhecimento dos fatores de risco e determinantes sociais que possam comprometer a saúde dos indivíduos. O campo da saúde envolve conhecimentos variados e pode se configurar da multidisciplinaridade, com profissionais de diferentes áreas, propondo a integralidade do cuidado (Magagnin, 2024).

De acordo com Dutra *et al.* (2022), que investigaram as principais ações na atenção primária à saúde, como as visitas domiciliares, foi constatado que essas visitas proporcionaram um entendimento mais profundo sobre a saúde geral da comunidade. Além de atender demandas urgentes, as visitas domiciliares permitiram que os profissionais compreendessem o contexto familiar e comunitário, fortalecendo o vínculo entre a equipe e a população assistida. No entanto, os pesquisadores destacaram que, apesar dos benefícios, desafios como a resistência de moradores e a dificuldade de criação de vínculos ainda persistem, comprometendo a adesão ao tratamento e o sucesso da intervenção. Além disso, foi evidenciado que a formação dos profissionais de saúde, muitas vezes desconectada da prática integrada e interprofissional, pode ser um fator que contribui para a fragmentação dos cuidados no SUS.

Em pesquisa realizada por Alves *et al.* (2021), foi observado que a atuação da equipe de saúde e o processo de acolhimento formam a base para a criação de uma relação de confiança com os usuários, o que facilita o processo de cuidados continuados. A experiência de ir até as comunidades em situação de vulnerabilidade social permitiu que estudantes e profissionais de saúde se envolvessem mais diretamente com as realidades locais, observando e respondendo a demandas como a promoção da saúde e prevenção de doenças. Esse tipo de abordagem é fundamental para a formação de profissionais mais sensíveis às necessidades da população e mais comprometidos com uma prática de cuidado integral.

No estudo de Cavalcante *et al.* (2022), foi verificado que, embora a maioria das equipes de saúde realizasse as visitas domiciliares com frequência adequada, algumas não seguiam a regularidade ideal, o que poderia comprometer a continuidade da assistência domiciliar. Além disso, a garantia da integralidade do cuidado foi destacada, com ênfase na importância da comunicação entre diferentes setores e serviços, utilizando sistemas de registro como o PEP (Prontuário Eletrônico do Paciente) para garantir o acompanhamento contínuo e eficaz. A integração entre os serviços da Rede

de Atenção à Saúde (RAS) e a disseminação da informação para a comunidade sobre os serviços disponíveis foram apontados como estratégias essenciais para assegurar a continuidade e a efetividade do cuidado.

Magagnin *et al.* (2024) destacaram a relevância das equipes da APS na continuidade do cuidado pós-hospitalar, especialmente no acompanhamento de pacientes que sofreram Acidente Vascular Cerebral (AVC). O estudo evidenciou a importância da abordagem multiprofissional, que inclui a promoção de hábitos de vida saudáveis e a reabilitação individualizada. No entanto, observou-se que, apesar das visitas domiciliares serem parte do trabalho das equipes de APS, não havia uma programação adequada para a continuidade do acompanhamento, o que compromete a eficiência do processo de cuidado. O planejamento adequado da assistência, especialmente nas primeiras semanas após a alta hospitalar, é crucial para detectar as necessidades do paciente e da família.

Reis *et al.* (2021) ressaltaram que a Atenção Domiciliar pode reduzir significativamente os custos hospitalares, além de diminuir complicações como infecções hospitalares. A transferência do paciente do hospital para a residência também facilita a liberação de leitos e contribui para a redução das iatrogenias. O estudo apontou que o público mais atendido pelo Serviço de Assistência Domiciliar (SAD) é composto por idosos, especialmente mulheres, com condições como hipertensão, AVC e demência. Nesse sentido, a APS desempenha papel fundamental como primeiro nível de cuidado, promovendo o atendimento domiciliar por meio de visitas regulares, que permitem identificar as necessidades dos pacientes e definir as estratégias adequadas de cuidado.

O acompanhamento de mulheres no puerpério e recém-nascidos também representa um aspecto relevante da Atenção Domiciliar, uma vez que pode reduzir complicações de saúde tanto para a mãe quanto para o bebê. O suporte de uma equipe multiprofissional, que avalia e orienta sobre condições de saúde e doenças, é crucial para garantir uma boa prevenção, tratamento e qualidade de vida (Alencar *et al.*, 2023).

Bezerra *et al.* (2023) destacam que o acompanhamento multiprofissional no atendimento domiciliar a crianças com necessidades especiais de saúde no estado de Mato Grosso do Sul é essencial para garantir a continuidade do cuidado. As visitas semanais envolvem profissionais habilitados que realizam procedimentos mais

complexos, como a aspiração das vias aéreas e a realização de curativos. No entanto, uma limitação importante observada foi a falta de uma perspectiva das famílias sobre o cuidado oferecido, o que reforça a necessidade de mais orientações para aumentar a autonomia das famílias no cuidado domiciliar.

De acordo com Lavezzo *et al.* (2023), a identificação precoce das demandas de saúde, incluindo o uso de drogas, é essencial para uma intervenção eficaz. As estratégias de acolhimento, visita domiciliar e envolvimento da família são cruciais para estabelecer um vínculo de confiança com os usuários, o que facilita a implementação de cuidados mais integrados e eficazes (Cardoso *et al.*, 2021).

Nardino *et al.* (2021), em sua pesquisa sobre as significações dos cuidados paliativos para os profissionais de uma equipe de atenção domiciliar, destacam a importância do trabalho integrado em equipe. Para os profissionais, a abordagem multiprofissional é fundamental, com um caráter interdisciplinar que potencializa a troca de experiências e aprendizados.

As ações relacionadas as visitas domiciliares, na maioria das vezes podem apresentar desafios como devido a exigência crescente de desenvolvimento de habilidades interpessoais de adequação ao contexto que a ação ocorre. Como respostas pode-se observar relatos de um participante da pesquisa de Benitez *et al.*, (2023):

“Foi possível conhecer o processo de trabalho em equipe incluindo a abordagem as famílias, a forma de realização de entrevistas e orientações, como também as dificuldades do acompanhamento dos casos das crianças. Além disso, foi possível vivenciar as dificuldades de adesão as orientações recebidas pelos profissionais” (DCA 11)(Benitez *et al.*, 2023).

No âmbito da atenção domiciliar, projetos como o Multicampi Saúde têm se mostrado importantes para promover a prática das visitas. Este projeto, com foco na Política de Atenção à Saúde da Criança, implementa cursos introdutórios sobre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) para docentes, preceptores e discentes. Os alunos, sob a supervisão das preceptoras, acompanham crianças e realizam visitas domiciliares, observando as condições reais de saúde das famílias e fornecendo intervenções mais eficazes e personalizadas (Noronha *et al.*, 2021).

Apesar da importância das visitas domiciliares, alguns profissionais relatam dificuldades, como a falta de tempo para realizá-las, visto que muitos serviços estão concentrados nas UBSF. Além disso, a classe médica ainda não adota as visitas domiciliares como rotina, uma vez que a maioria dos lactentes busca atendimento nas unidades de saúde. Paixão *et al.* (2022), em sua análise de 37 diários de campo de discentes do Projeto Multicampi em cinco municípios do Pará, revelaram que as visitas domiciliares, quando combinadas com orientações familiares, resultam em um cuidado mais eficaz e contribuem para a melhoria da saúde infantil. O acompanhamento de terapeutas ocupacionais nessas visitas é destacado, pois eles têm a capacidade de reorganizar hábitos de vida que impactam positivamente a saúde dos indivíduos.

A pesquisa Mestriner *et al.* (2022) também ressaltou a importância das visitas domiciliares na promoção da saúde e prevenção de doenças. Durante o acompanhamento das famílias, foram realizadas avaliações físicas e de segurança no ambiente domiciliar, além de orientações sobre medicamentos e atualização de cadastros e vacinação. As visitas domiciliares permitiram aos estudantes compreenderem que esse é um instrumento essencial para a equipe de Saúde da Família, pois oferece uma visão abrangente do território e das necessidades da população, facilitando um planejamento eficaz das intervenções.

No entanto, as visitas domiciliares não são isentas de desafios. A prática revela-se essencial para fortalecer o vínculo entre os profissionais e as famílias, permitindo que se conheça melhor o contexto de vida dos pacientes e proporcionando um cuidado integral. No entanto, a falta de tempo e a escassez de profissionais dedicados à atenção domiciliar são obstáculos significativos. Em suas reflexões sobre a experiência dos acadêmicos, Souza *et al.* (2020) destacaram que a realização de consultas domiciliares e em consultórios oferece uma oportunidade valiosa para fortalecer o vínculo entre os profissionais de saúde e os pacientes, ampliando a compreensão sobre as necessidades de saúde e a adesão ao tratamento.

Por fim, conforme observado por Farão & Penna (2019), a integração da equipe multiprofissional e o vínculo com o paciente são fundamentais para a identificação e o atendimento das necessidades de saúde visíveis e invisíveis. Profissionais comprometidos com a saúde integral dos indivíduos conseguem, com o tempo, perceber as necessidades além das questões orgânicas, proporcionando um cuidado

mais completo e eficaz. O trabalho em equipe é essencial para enfrentar os desafios da atenção à saúde, promovendo a integralidade e o acolhimento dos usuários.

Esses estudos mostram que a Atenção Domiciliar, quando bem estruturada e apoiada por uma equipe multiprofissional, pode não apenas melhorar a saúde dos pacientes, mas também reduzir custos para o sistema de saúde. A continuidade do cuidado, a integração entre os serviços e a abordagem holística do paciente são fatores essenciais para o sucesso dessas estratégias. A implementação de práticas mais colaborativas e bem planejadas nas visitas domiciliares pode, portanto, fortalecer ainda mais a rede de cuidado e promover um atendimento mais eficiente e humanizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a importância das visitas domiciliares na atenção à saúde, especialmente no contexto da atenção primária e dos cuidados paliativos. A prática da visita domiciliar, quando realizada de forma integrada e com a participação de uma equipe multiprofissional, possibilita um cuidado mais eficaz, centrado nas necessidades reais das famílias, e contribui para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Embora existam desafios, como a falta de tempo e a escassez de profissionais disponíveis, os benefícios dessa abordagem são evidentes, especialmente na construção de vínculos e no conhecimento mais profundo do contexto de vida dos pacientes. Projetos como o Multicampi Saúde demonstram a eficácia das visitas domiciliares na promoção da saúde e no fortalecimento da educação em saúde, além de permitir intervenções mais precisas e personalizadas.

A experiência prática e a formação de equipes capacitadas para lidar com as necessidades de saúde dos usuários são essenciais para a promoção de cuidados mais integrados e eficazes. Portanto, é fundamental o incentivo e a ampliação das visitas domiciliares como estratégia de cuidado, com a adoção de políticas públicas que garantam a continuidade e a qualidade dessas práticas nos diferentes territórios.

Referências

- ALENCAR, A.A. *et al.* Visita domiciliar multiprofissional: estratégia de promoção do cuidado materno-infantil no puerpério. **Rev. APS**. v.26: e262329381, 2023.
- ALVES, A.L.G. *et al.* Interação ensino-serviço-comunidade - experiência em visita domiciliar de um curso de Odontologia. **Revista da ABENO**. v.21, n.1, p.1671, 2021.
- BENITEZ, V.A. *et al.* Visita Domiciliar de Equipe Multiprofissional na Perspectiva de Discentes do Curso de Medicina. **Pleidade**. v.17, n.39, p.58-65, Abr.-Jun., 2023.
- BEZERRA, A.M. *et al.* Crianças e adolescentes com necessidades especiais de saúde: o cuidado nos serviços de atenção domiciliar. **Esc Anna Nery**. v.27: e20220160, 2023.
- CAVALCANTI, M.E.P.L. *et al.* Melhor em casa: caracterização dos serviços de atenção domiciliar. **Escola Anna Nery**. v.26, n.5, 2022.
- CARDOSO, S. *et al.* Visita domiciliar para promoção à saúde e prevenção de agravos em lactentes: contribuições da equipe da Estratégia Saúde da Família. **Revista de APS**, v. 23, n. 4, 23 jun. 2021.
- DUTRA, M. J.; FUNK, P. do P.; BERVIAN, J.; CORRALO, D. J. Projeto Rede de Cuidados Territoriais em Saúde: cuidado integral e multiprofissional como prática de aprendizagem. **Revista da ABENO**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 1681, 2022. DOI: 10.30979/revabeno.v22i2.1681. Disponível em: <https://revabeno.emnuvens.com.br/revabeno/article/view/1681>
- FARÃO, E. M. D.; PENNA, C. M. DE M. A (in) visibilidade das necessidades de saúde. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 18, n. 2, 18 mar. 2019.
- LAVEZZO, B. O. *et al.* Atenção psicossocial a usuários de álcool e outras drogas: um estudo dos profissionais de um município sul-brasileiro. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 21, e02128222, 2023.
- MAGAGNIN, A. B. *et al.* Atenção Primária à Saúde na transição do cuidado de pessoas com Acidente Vascular Cerebral. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, n. 3, 1 jan. 2024.
- MESTRINER, Tatiana Lemos de Almeida; LEAL, Gilberto da Cruz; CARRETTA, Regina Yoneko Dakuzaku; FORSTER, Aldaísa Cassanho. Fisioterapia, Atenção Básica e Interprofissionalidade: reflexões a partir da implementação de um estágio curricular na Comunidade. **Medicina (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 55, n. 4, p. e-197443, 2022. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2022.197443. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/197443>.
- NARDINO, F.; OLESIAK, R.; QUINTANA, A. M. Significações dos Cuidados Paliativos para Profissionais de um Serviço de Atenção Domiciliar. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 41, 1 jan. 2021.
- NORONHA, M.L.F. *et al.* Multicampi Saúde: vivências de acadêmicos de enfermagem no Município de Castanhal – Pará. **Research, Society and Development**, v. 10 n. 1, e6310111141, 2021.
- PAIXÃO, G.M.; da Costa, NC.; dos Santos Vieira, AC. A Caderneta da Criança e a terapia ocupacional na atenção básica à saúde. **SAÚDE DEBATE** | RIO DE JANEIRO, v. 46, N. Especial 5, p. 13-21, Dez 2022.
- REIS, G.F.M.; AURORA SPERLI GERALDES SOLER, Z.; DE CARVALHO JERICO, M.; APARECIDA SILVEIRA MALONI, A.; DE CARVALHO JERICÓ, P.; DE CARVALHO JERICÓ, P. P. Análise de custos de um serviço de Atenção Domiciliar público e o perfil dos pacientes assistidos. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 20, 29 abr. 2021.
- SOUZA, J.B. *et al.* CONSULTA DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE DE PESSOAS COM DIABETES MELLITUS. **Cienc Cuid Saúde**. v.19:e48498, 2020.

INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS E FATORES PSICOSSOCIAIS NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS E FATORES PSICOSSOCIAIS NA QUALIDADE DE VIDA DE MULHERES COM ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

¹Willianne da Silva Gomes: ²Tereza Raquel Xavier Viana

¹Graduação em Fisioterapia – Faculdade Estácio do Recife, Recife – Pe, Brasil; ² Mestranda em Ciências da Saúde – Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Jundiaí – SP, Brasil.

RESUMO: A endometriose é uma condição crônica que afeta cerca de 10% das mulheres em idade reprodutiva, caracterizada pela presença de tecido semelhante ao endométrio fora da cavidade uterina. Essa condição, que pode impactar ovários, intestinos, trompas e bexiga, é frequentemente subdiagnosticada devido à ausência de métodos diagnósticos não invasivos amplamente disponíveis. As principais queixas das portadoras incluem dor intensa, dismenorreia, dispareunia e infertilidade, que afetam negativamente seu bem-estar físico e emocional, limitando suas atividades diárias e aumentando o risco de transtornos psicológicos, como depressão e ansiedade. Analisar o impacto de intervenções terapêuticas e fatores psicossociais na qualidade de vida de mulheres com endometriose, com foco no manejo dos sintomas e no bem-estar geral. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A metodologia incluiu a análise de artigos publicados nos últimos cinco anos (2019 – 2024), nas bases de dados PubMed, MEDLINE e LILACS. Dos 38 artigos encontrados, cinco atenderam aos critérios de inclusão. Os resultados indicaram que intervenções como atividade física, suporte psicológico e acupuntura reduzem a dor e melhoram a qualidade de vida de mulheres com endometriose. Fatores psicossociais, como ansiedade e depressão, influenciam a percepção da dor, reforçando a necessidade de abordagens integradas. Além disso, a má qualidade do sono agrava os sintomas, destacando a importância de estratégias multidisciplinares para o manejo eficaz da doença. Em suma, as intervenções multidisciplinares, incluindo exercícios físicos, suporte psicológico e manejo dos distúrbios do sono, são fundamentais para melhorar a qualidade de vida de mulheres com endometriose. Além do controle da dor, é essencial abordar fatores emocionais e sociais que agravam os sintomas. Estratégias personalizadas e estudos futuros são necessários para otimizar o tratamento e promover o bem-estar global das pacientes.

Palavras-chave: Diagnóstico precoce, Dor crônica, Endometriose, Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

A endometriose é uma doença ginecológica crônica e progressiva caracterizada pela presença de tecido endometrial fora do útero, o que desencadeia uma série de sintomas, sendo a dor pélvica crônica um dos mais prevalentes. Essa condição afeta cerca de 10% das mulheres em idade reprodutiva e está associada a um impacto negativo significativo na qualidade de vida, comprometendo aspectos físicos, emocionais e sociais. As pacientes frequentemente relatam limitações nas atividades diárias, dificuldades nas relações interpessoais e prejuízos no desempenho profissional, tornando o manejo da doença um desafio tanto para as mulheres quanto para os profissionais de saúde (Baczek *et al.*, 2024).

A relação entre a endometriose e os sintomas de ansiedade e depressão é amplamente documentada, evidenciando a necessidade de uma abordagem holística no tratamento. Estudos apontam que a dor crônica e a incerteza em relação ao prognóstico da doença contribuem para o aumento do sofrimento psicológico. A presença simultânea de dor, ansiedade e depressão forma um ciclo vicioso que agrava ainda mais a percepção da dor e reduz a qualidade de vida das pacientes. Portanto, além do manejo clínico, o suporte psicológico e emocional é fundamental para melhorar o bem-estar geral dessas mulheres (Canete; Panobianco, 2022).

A avaliação da qualidade de vida em pacientes com endometriose é essencial para entender o impacto da doença e orientar intervenções terapêuticas mais eficazes. Ferramentas específicas, como o questionário *Endometriosis Health Profile* (EHP-30), têm sido amplamente utilizadas para avaliar os efeitos da endometriose em diferentes domínios da vida das pacientes, incluindo a saúde física, bem-estar emocional, relações sociais e atividades sexuais. Estudos realizados com mulheres brasileiras mostram que a doença afeta significativamente todos esses aspectos, destacando a necessidade de intervenções que considerem as múltiplas dimensões do impacto da endometriose (Florentino *et al.*, 2019).

Além disso, a profundidade das lesões endometrióticas está diretamente relacionada à intensidade dos sintomas e ao grau de comprometimento da qualidade de vida. Mulheres com endometriose profunda frequentemente apresentam dores mais intensas e limitações funcionais mais graves, o que reforça a importância de diagnósticos precisos e tratamentos individualizados. A avaliação contínua da qualidade de vida,

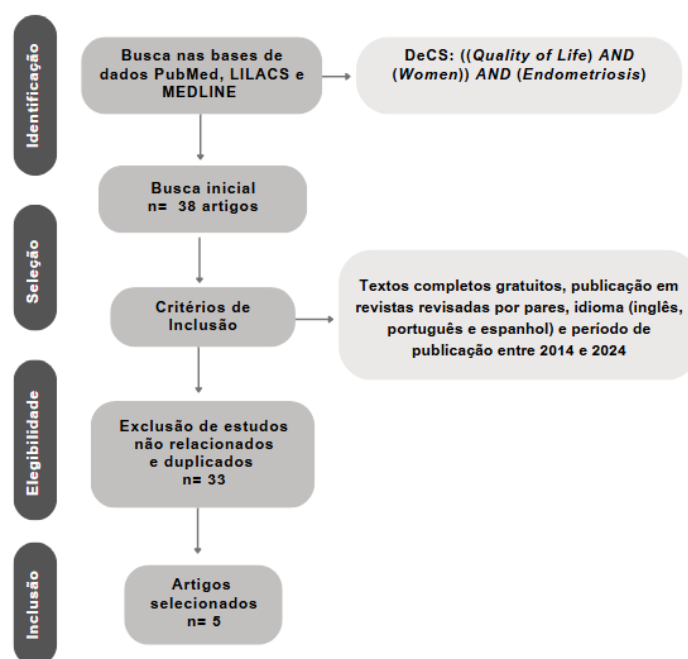
utilizando instrumentos validados, permite monitorar a eficácia das intervenções e ajustar as estratégias terapêuticas de acordo com as necessidades das pacientes (Yela; Quagliato; Benetti-Pinto, 2020).

Diante desse cenário, o presente estudo busca explorar as diferentes intervenções e fatores psicossociais associados à endometriose, com foco nas estratégias que promovam uma melhora global da qualidade de vida das mulheres afetadas pela doença.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada no mês de julho de 2024, utilizando as bases de dados *National Library of Medicine* via (PubMed), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram encontrados 38 artigos, dos quais 5 atenderam aos critérios de inclusão: artigos publicados nos últimos cinco anos (2029 – 2024), na língua inglesa ou portuguesa e textos completos gratuitos. Os critérios de exclusão incluíram os que não abordavam o objetivo do estudo e duplicados. Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: ((*Quality of Life*) AND (*Women*)) AND (*Endometriosis*), combinadas ao operador booleano “AND”. A metodologia foi selecionada para garantir a inserção dos artigos mais relevantes e atualizados, fornecendo uma visão abrangente sobre o tema a ser abordado.

Figura 1: Fluxograma do processo de busca dos artigos científicos.



Fonte: Processo de pesquisa literária - elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A endometriose é uma doença multifatorial que afeta profundamente a qualidade de vida das mulheres, sendo a dor crônica o principal sintoma debilitante. Nesse contexto, a prática de atividades físicas surge como uma alternativa não farmacológica relevante. Estudos indicam que o exercício regular contribui para a redução da dor e melhora a saúde mental das pacientes ao promover a liberação de endorfinas e a circulação sanguínea, o que pode ajudar a diminuir a inflamação. A adoção de um plano de exercícios como parte de um tratamento multidisciplinar pode trazer benefícios sustentáveis a longo prazo, reforçando seu papel no manejo da doença (Tennfjord *et al.*, 2021).

A comparação entre intervenções cirúrgicas, acupuntura e exercício físico revelou que, embora a cirurgia proporcione alívio imediato da dor, as terapias não invasivas, como a acupuntura e o exercício, são vantajosas na manutenção dos resultados a longo prazo, com menores riscos de complicações. Estratégias integrativas que combinam essas intervenções são fundamentais para otimizar a qualidade de vida das pacientes, destacando a importância de um tratamento individualizado que leve em conta as necessidades específicas de cada mulher (Afreen *et al.*, 2024).

Fatores psicossociais também têm um papel crítico no impacto da endometriose. A intensidade da dor e a qualidade de vida das pacientes estão intimamente ligadas ao estresse, ansiedade e depressão. A literatura aponta que a inclusão de suporte psicológico, como a terapia cognitivo-comportamental, é essencial para reduzir os efeitos emocionais negativos da doença. Esse suporte não apenas melhora o bem-estar psicológico, mas também contribui para um melhor controle da dor e maior adesão ao tratamento (Kalfas, Chisari e Windgassen, 2022).

O impacto global da endometriose vai além dos sintomas físicos, afetando diversos aspectos da vida das mulheres, como as relações interpessoais, a produtividade no trabalho e o bem-estar emocional. Uma abordagem holística, que inclua suporte social e psicológico, é essencial para promover uma melhor qualidade de vida. Essa abordagem deve focar não apenas no alívio da dor, mas também no fortalecimento da rede de apoio e na resiliência emocional das pacientes (Maulenkul *et al.*, 2024).

Outro fator relevante é a relação entre a endometriose e os distúrbios do sono. A má qualidade do sono não apenas agrava a percepção da dor, mas também intensifica sintomas de ansiedade e depressão. Intervenções que promovam a higiene do sono e tratem condições como insônia e apneia são fundamentais para melhorar o bem-estar geral das pacientes e contribuir para um manejo mais eficaz da endometriose (Sumbodo *et al.*, 2023).

Portanto, uma abordagem multidisciplinar que integre intervenções físicas, psicológicas e sociais é fundamental para o manejo eficaz da endometriose, promovendo melhorias significativas na qualidade de vida das mulheres afetadas pela condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A endometriose é uma condição complexa que afeta a saúde física, emocional e social das mulheres, exigindo abordagens terapêuticas integradas e personalizadas. As evidências destacam que a prática regular de exercícios físicos contribui para a redução da dor e melhora a saúde mental, enquanto intervenções não invasivas, como a acupuntura e a terapia cognitivo-comportamental, auxiliam na manutenção dos resultados a longo prazo e no manejo dos fatores psicossociais. Além disso, a atenção à qualidade do sono e ao controle do estresse desempenha um papel importante no bem-estar global das pacientes.

Embora os benefícios dessas intervenções sejam promissores, ainda há lacunas significativas no conhecimento sobre os mecanismos subjacentes a essas melhorias e sua aplicabilidade em diferentes contextos clínicos. Portanto, são necessárias mais pesquisas para investigar a eficácia comparativa das abordagens terapêuticas, identificar protocolos de exercício ideais e explorar estratégias personalizadas que considerem a diversidade de sintomas e necessidades individuais das pacientes. A continuidade dos estudos permitirá o desenvolvimento de tratamentos mais eficazes e direcionados, promovendo uma melhor qualidade de vida para as mulheres com endometriose.

Referências

- AFREEN, S. et al. Comparing Surgical, Acupuncture, and Exercise Interventions for Improving the Quality of Life in Women With Endometriosis: A Systematic Review. **Cureus**, 24 jul. 2024.
- BACZEK, G. *et al.* O impacto da endometriose na qualidade de vida das mulheres. **Ginekologia Polska**, v. 95, n. 5, p. 356-364, 2024.
- CANETE, A.S.; PANOBIANCO, M.S. **Endometriose: associação entre qualidade de vida relacionada à saúde e sintomas de ansiedade, depressão e dor**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- FLORENTINO, A.V.A., PEREIRA, A.M.G., MARTINS, J.A., LOPES, R.G.C., & ARRUDA. Quality of life assessment by the endometriosis health profile (EHP-30) questionnaire prior to treatment for ovarian endometriosis in Brazilian women. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia/RBGO Gynecology and Obstetrics**, v. 41, n. 09, p. 548-554, 2019.
- KALFAS, M.; CHISARI, C.; WINDGASSEN, S. Psychosocial factors associated with pain and health-related quality of life in Endometriosis: A systematic review. **European Journal of Pain**, v. 26, n. 9, p. 1827–1848, 8 jul. 2022.
- MAULENKUL, T. et al. Understanding the impact of endometriosis on women's life: an integrative review of systematic reviews. **BMC Women s Health**, v. 24, n. 1, 19 set. 2024.
- SUMBODO, C.D. et al. The relationship between sleep disturbances and endometriosis: A systematic review. **European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology**, v. 293, p. 1–8, 9 fev. 2024.
- TENNFJORD, M. K.; GABRIELSEN, R.; TELLUM, T. Effect of physical activity and exercise on endometriosis-associated symptoms: a systematic review. **BMC Women's Health**, v. 21, n. 1, 9 out. 2021.
- YELA, D.A., QUAGLIATO, I.P., & BENETTI-PINTO, C.L. Quality of life in women with deep endometriosis: a cross-sectional study. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 42, p. 90-95, 2020.

³ Artigo

ABORDAGENS MULTIPROFISSIONAIS PARA A REABILITAÇÃO E TRATAMENTO DE LESÕES EM ATLETAS DE MMA

¹Beatriz Augusta Silva; ²Natalia Davila Rodrigues Pereira; ³Elisabete Soares de Santana; ⁴Maria Aparecida Espírito Santo da Silva; ⁵Tereza Raquel Xavier Viana.

1 Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE; 2 Graduada em Odontologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos, PB; 3 Graduada em Farmácia pela Faculdade Santíssima Trindade - FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil; 4 Graduada em Farmácia pela Faculdade Santíssima Trindade - FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil; 5 Mestranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Jundiaí, SP..

RESUMO: O *Mixed Martial Arts* (MMA) é um esporte de contato intenso, caracterizado por movimentos rápidos e explosivos, que expõem os atletas a um alto risco de lesões. Este estudo objetiva revisar as abordagens multiprofissionais para reabilitação e tratamento de lesões em atletas de MMA, enfatizando a eficácia de intervenções integrativas que combinam fisioterapia, nutrição, psicologia esportiva, ortopedia e outras especialidades. A metodologia empregada foi uma revisão narrativa da literatura, considerando a busca de artigos publicados nas bases PubMed e SciELO. Os resultados indicaram que as abordagens que incorporam múltiplas disciplinas promovem uma recuperação mais rápida e eficaz, reduzindo o tempo de afastamento dos atletas e melhorando o desempenho pós-lesão. Conclui-se que a reabilitação multiprofissional é essencial para o manejo abrangente das lesões, considerando a complexidade dos danos físicos e o impacto psicológico e nutricional nos atletas. As estratégias colaborativas entre diferentes áreas de saúde têm se mostrado fundamentais na promoção da recuperação integral dos atletas de MMA.

Palavras-chave: Abordagens Multiprofissionais, Lesões, MMA, Reabilitação, Recuperação.

INTRODUÇÃO

O *Mixed Martial Arts* (MMA) é um esporte que tem ganhado crescente popularidade mundial, sendo conhecido por sua intensidade e exigência física. Os atletas de MMA são frequentemente submetidos a um treinamento rigoroso, o que, combinado com a natureza de contato do esporte, resulta em um alto risco de lesões (James *et al.*, 2016).

A reabilitação eficaz de atletas de MMA deve ir além do tratamento das lesões físicas, abordando também os aspectos nutricionais, psicológicos e funcionais, essenciais para um retorno seguro e eficiente ao esporte. Portanto, uma abordagem multiprofissional, que inclua fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos esportivos, ortopedistas e outros profissionais da saúde, é fundamental para um processo de recuperação abrangente e eficaz (Lazarus, 2000; James *et al.*, 2016; Belem *et al.*, 2016).

Estudos recentes destacam a importância de estratégias que combinam diferentes modalidades de tratamento, como a fisioterapia manual, exercícios terapêuticos, ajustes nutricionais específicos e apoio psicológico, como *coping* (Calmeiro *et al.*, 2010; Jowett; Spray, 2012). Essas intervenções ajudam a minimizar o impacto das lesões e a otimizar o desempenho atlético (Dias; José Luís Pais-Ribeiro, 2019).

Além disso, há evidências de que a abordagem multiprofissional pode reduzir o tempo de recuperação e o risco de recidivas, promovendo uma recuperação mais sustentável e segura para os atletas (Carvalho *et al.*, 2024). Assim, compreender como diferentes áreas de saúde podem colaborar de maneira sinérgica é crucial para o desenvolvimento de protocolos de tratamento mais eficazes.

Portanto, o presente artigo visa realizar uma revisão narrativa sobre as abordagens multiprofissionais para a reabilitação e o tratamento de lesões em atletas de MMA, avaliando as estratégias mais eficazes e propondo recomendações baseadas em evidências científicas recentes.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, visando identificar e analisar artigos que abordem estratégias multiprofissionais para reabilitação e tratamento de lesões em atletas de MMA. A pesquisa foi realizada nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando os descritores ((*Martial Arts*) AND (*Mixed*)) AND (*Physical Rehabilitation*)) AND (*Treatment*). Foram incluídos estudos publicados nos últimos cinco anos (2019 - 2024), em inglês e português, que apresentaram dados relevantes sobre o tema. Os critérios de exclusão foram artigos sem acesso ao texto completo, não revisados por pares e aqueles publicados antes de 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A abordagem multiprofissional é uma prática emergente e altamente eficaz na reabilitação de atletas de MMA. A integração de diferentes áreas, como fisioterapia, nutrição, psicologia e ortopedia, tem se mostrado fundamental para uma recuperação mais rápida e eficiente. A fisioterapia desempenha um papel crucial na restauração da mobilidade e na prevenção de novas lesões, enquanto o apoio psicológico é essencial para a recuperação emocional e mental do atleta (Belem *et al.*, 2016).

A utilização de tecnologias modernas desempenha um papel fundamental na coordenação do tratamento e otimização dos resultados. Ferramentas como plataformas digitais para comunicação e *biofeedback* para monitoramento do progresso do atleta são cada vez mais utilizadas na reabilitação esportiva. No MMA, essas tecnologias permitem ajustes rápidos no plano de tratamento, melhorando a eficácia das intervenções e promovendo uma recuperação mais eficiente. As técnicas de fisioterapia, combinadas com modalidades complementares, demonstram uma aceleração significativa na recuperação de atletas de MMA. Intervenções como terapia manual, mobilização articular e exercícios de fortalecimento muscular, quando associadas a técnicas complementares como acupuntura e treinamento em água, reduzem o tempo de recuperação e melhoram a qualidade do retorno ao esporte. Essa abordagem integrativa também ajuda a minimizar o risco de novas lesões, promovendo a saúde global do atleta (Carvalho *et al.*, 2024).

A personalização do treinamento para o MMA é crucial, pois programas adaptados às demandas específicas do esporte são muito mais eficazes do que os regulares. Isso

evidencia a necessidade de abordagens multiprofissionais que atendam às exigências individuais dos atletas, sendo essencial para a reabilitação e recuperação de lesões. Intervenções de alta intensidade e baixo volume, direcionadas ao MMA, mostram melhorias significativas em desempenho, como força, potência e velocidade, com aumentos quantificáveis entre 3,7% e 22,2%. A eficácia de abordagens personalizadas reforça a importância de estratégias de reabilitação adaptadas às necessidades individuais, e a melhora observada apenas em grupos com treinamento específico sugere que a colaboração entre profissionais é vital para desenvolver programas mais eficazes (Kostikiadis *et al.*, 2018).

O agulhamento seco demonstrou aumentar significativamente a perfusão sanguínea no músculo gastrocnêmio, melhorar a elasticidade muscular e reduzir o tônus e a rigidez, tanto imediatamente após a intervenção quanto 24 horas depois. Esses efeitos favorecem a recuperação muscular e a prevenção de lesões. Além disso, a técnica elevou o limiar de dor à pressão e a potência muscular, indicando benefícios analgésicos e de recuperação de força, com efeitos mantidos por até 24 horas. Esses resultados sugerem que o agulhamento seco pode ser uma ferramenta eficaz para a recuperação muscular em atletas de MMA (Trybulski *et al.*, 2024).

A personalização de programas de prevenção de lesões é essencial para prolongar a carreira dos atletas. Baseados em avaliações funcionais e biomecânicas detalhadas, esses programas identificam fatores de risco específicos e permitem a criação de planos de treino que reduzem a probabilidade de novas lesões. No MMA, onde o impacto físico é constante e severo, essas estratégias personalizadas são fundamentais para a longevidade atlética (Belem *et al.*, 2016).

A atenção aos aspectos emocionais e psicológicos dos atletas é crucial para o sucesso da reabilitação. Manter a motivação e a adesão ao tratamento pode ser desafiador, especialmente em esportes como o MMA, onde o fator psicológico é determinante para o desempenho. A inclusão de psicólogos esportivos na equipe multidisciplinar ajuda a monitorar e a tratar questões emocionais, garantindo que o atleta esteja mentalmente preparado para o retorno ao esporte (Calmeiro *et al.*, 2010).

A abordagem integrada demonstrou melhorar o desempenho atlético e reduzir o risco de recidivas, promovendo uma recuperação holística. Estudos recentes indicam que atletas que recebem tratamento de uma equipe multidisciplinar apresentam

melhores resultados a longo prazo, tanto em termos de performance quanto na prevenção de novas lesões. Essa abordagem se mostra especialmente eficaz no MMA, onde o risco de lesões recorrentes é elevado (Carvalho *et al.*, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a abordagem multiprofissional na reabilitação de atletas de MMA é essencial para promover uma recuperação rápida e eficaz, reduzindo o tempo de afastamento e o risco de novas lesões. A integração de diferentes especialidades da saúde, como fisioterapia, nutrição e psicologia, oferece uma estratégia abrangente e personalizada para o manejo das lesões, melhorando significativamente a qualidade de vida e o desempenho esportivo dos atletas.

Estudos futuros devem focar na otimização dessa abordagem, incluindo a criação de protocolos padronizados que possam ser aplicados de maneira ampla em diferentes contextos esportivos.

Referências

- BELEM, I. et al. O estresse no MMA: As estratégias de enfrentamento podem melhorar o desempenho dos lutadores? **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 22, n. 4, p. 287–290, 1 ago. 2016.
- CALMEIRO, L.; TENENBAUM, G.; ECCLES, D. Event-sequence analysis of appraisals and coping during trapshooting performance. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 22, n. 4, p. 392–397, 2010.
- CARVALHO, S. et al. Reabilitação funcional de atletas: Uma abordagem integrada de medicina do esporte e ortopedia. **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 2, 2024.
- DIAS, E. N.; JOSÉ LUÍS PAIS-RIBEIRO. O Modelo de Coping de Folkman e Lazarus: Aspectos Históricos e Conceituais. **Revista Psicologia e Saúde**, p. 55–66, 17 jul. 2019.
- JAMES, L. P. et al. Towards a determination of the physiological characteristics distinguishing successful mixed martial arts athletes: A systematic review of combat sport literature. **Sports Medicine** (Auckland, N.Z.), v. 46, n. 10, p. 1525–1551, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40279-016-0493-1>. Acesso em: 07 set. 2024.
- JOWETT, N.; SPRAY, C. M. British Olympic hopefuls: The antecedents and consequences of implicit ability beliefs in elite track and field athletes. **Psychology of sport and exercise**, v. 14, n. 2, p. 145–153, 11 out. 2012.
- KOSTIKIADIS, I. N. et al. The effect of short-term sport-specific strength and conditioning training on physical fitness of well-trained mixed martial arts athletes. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 17, n. 3, p. 348–358, 2018.
- LAZARUS, R. S. How Emotions Influence Performance in Competitive Sports. **The Sport Psychologist**, v. 14, n. 3, p. 229–252, 1 set. 2000.
- TRYBULSKI, R. et al. Acute effects of the dry needling session on gastrocnemius muscle biomechanical properties, and perfusion with latent trigger points: A single-blind randomized controlled trial in mixed martial arts athletes. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 23, n. 1, p. 136–146, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.52082/jssm.2024.136>. Acesso em: 07 set. 2024.

USO DE CANNABINOIDES NO APOIO À RECUPERAÇÃO MOTORA E COGNITIVA APÓS UM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: EVIDÊNCIAS ATUAIS E IMPLICAÇÕES FUTURAS

⁴ Artigo

USO DE CANNABINOIDES NO APOIO À RECUPERAÇÃO MOTORA E COGNITIVA APÓS UM ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: EVIDÊNCIAS ATUAIS E IMPLICAÇÕES FUTURAS

¹Elisabete Soares de Santana; ¹Maria Aparecida Espírito Santo da Silva, ²Natalia Davila Rodrigues Pereira; ³ Beatriz Augusta Silva; ⁴Tereza Raquel Xavier Viana.

1 Graduada em Farmácia pela Faculdade Santíssima Trindade - FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil; 2 Graduada em Odontologia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Patos - PB; 3 Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE; 4 Mestranda em Ciências da Saúde – Faculdade de Medicina de Jundiaí (FMJ), Jundiaí, São Paulo, Brasil.

RESUMO: O uso de canabinoides na recuperação motora e cognitiva após um acidente vascular cerebral (AVC) tem sido objeto de crescente interesse na pesquisa científica. Este estudo revisa as evidências atuais sobre a eficácia dos canabinoides, como o canabidiol (CBD) e o tetrahydrocannabinol (THC), na modulação dos processos de neuroplasticidade e na redução da inflamação, fatores cruciais para a recuperação pós-AVC. A literatura sugere que esses compostos podem melhorar a função motora e a cognição, promovendo a regeneração neuronal e a proteção contra a morte celular. Avaliar as evidências atuais sobre os efeitos terapêuticos dos canabinoides na reabilitação de pacientes pós-AVC. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, buscando evidências sobre o uso de canabinoides na recuperação motora e cognitiva após AVC em adultos. A pesquisa incluiu artigos publicados entre 2014 e 2024, disponíveis nas bases PubMed, SciELO e Medline, usando descritores específicos. Estudos não relacionados ao tema ou sem dados originais foram excluídos. Das 12 publicações encontradas, 3 foram selecionadas para análise devido à relevância e qualidade metodológica. Os resultados mostram que os canabinoides podem ter efeitos benéficos, como a redução da espasticidade e a melhora da plasticidade neural, contribuindo para a recuperação. Conclui-se que, embora os canabinoides apresentem promissoras aplicações clínicas, mais estudos são necessários para solidificar suas indicações e protocolos de uso.

Palavras-chave: Acidente Vascular Cerebral, Canabinoide, Endocanabinoide, THC.

INTRODUÇÃO

Os acidentes vasculares cerebrais (AVCs) figuram entre as principais causas de morbidade e mortalidade ao redor do mundo, impondo severos déficits motores e cognitivos que afetam profundamente a qualidade de vida dos sobreviventes (Bravo-Ferrer *et al.*, 2016). Estes impactos incluem desde dificuldades na mobilidade e na coordenação motora até comprometimentos cognitivos, como problemas de memória, atenção e tomada de decisões, que limitam a autonomia dos pacientes. A reabilitação após o AVC, portanto, configura-se como um processo complexo e contínuo, com o objetivo de restaurar as funções comprometidas e proporcionar uma maior independência e qualidade de vida aos indivíduos acometidos. Nesse cenário, a pesquisa sobre o uso de canabinoides como adjuvantes no processo de recuperação motora e cognitiva ganha relevância, atraindo crescente atenção da literatura científica (Fernandes *et al.*, 2022).

Os canabinoides, compostos bioativos derivados da planta *Cannabis sativa*, interagem diretamente com o sistema endocanabinoide (SEC), um sistema fisiológico essencial que influencia uma série de processos biológicos, como a modulação da dor, controle da inflamação e neuroproteção (Pacher *et al.*, 2017). Esse sistema é composto por receptores canabinoides, endocanabinoide (substâncias que o próprio corpo produz) e enzimas que regulam a síntese e degradação desses compostos (Cristino; Bisogno; Marzo, 2019; Peruchi *et al.*, 2024).

O SEC desempenha um papel crucial na regulação de mecanismos neurofisiológicos e pode impactar a recuperação neural após lesões cerebrais, como ocorre nos casos de AVC. Estudos emergentes indicam que os canabinoides podem promover a plasticidade neural, que é a capacidade do cérebro de reorganizar-se e adaptar-se em resposta a lesões. Adicionalmente, os canabinoides demonstram potencial para reduzir a espasticidade – um aumento anormal do tônus muscular – e aliviar a dor, elementos que podem beneficiar a reabilitação de indivíduos pós-AVC (Sabo; Baptista, 2023).

Além disso, pesquisas experimentais apontam que a administração de canabinoides pode conferir efeitos neuroprotetores em modelos de AVC. Os canabinoides possuem propriedades que podem auxiliar na mitigação dos danos cerebrais em condições isquêmicas, o que sugere uma possível aplicação terapêutica

no contexto de lesões cerebrais induzidas por AVC. Os mecanismos envolvidos incluem a redução da inflamação, o bloqueio de processos excitotóxicos – responsáveis por danos celulares causados por liberação excessiva de neurotransmissores – e o estímulo da regeneração neuronal. Esses achados reforçam o potencial dos canabinoides como agentes terapêuticos promissores na minimização dos danos e na recuperação neural após um evento de AVC (Campos, 2024).

Nos últimos anos, a aceitação dos canabinoides como opções terapêuticas tem crescido, impulsionada por evidências científicas que demonstram seus efeitos positivos em diversas condições neurológicas, incluindo o AVC. Esse cenário é impulsionado tanto pelo aumento das pesquisas quanto pelas mudanças nas legislações que regulamentam o uso de canabinoides em diversas regiões (Gomes *et al.*, 2022). Contudo, ainda existem lacunas significativas no conhecimento, particularmente no que diz respeito às dosagens ideais, aos efeitos a longo prazo e à combinação de canabinoides com outras terapias de reabilitação. A maior parte dos estudos realizados até o momento é de natureza preliminar e envolve modelos experimentais ou pequenas amostras, o que evidencia a necessidade de ensaios clínicos mais robustos que validem essas intervenções em termos de segurança e eficácia (Garcia; Barbosa Neto, 2023).

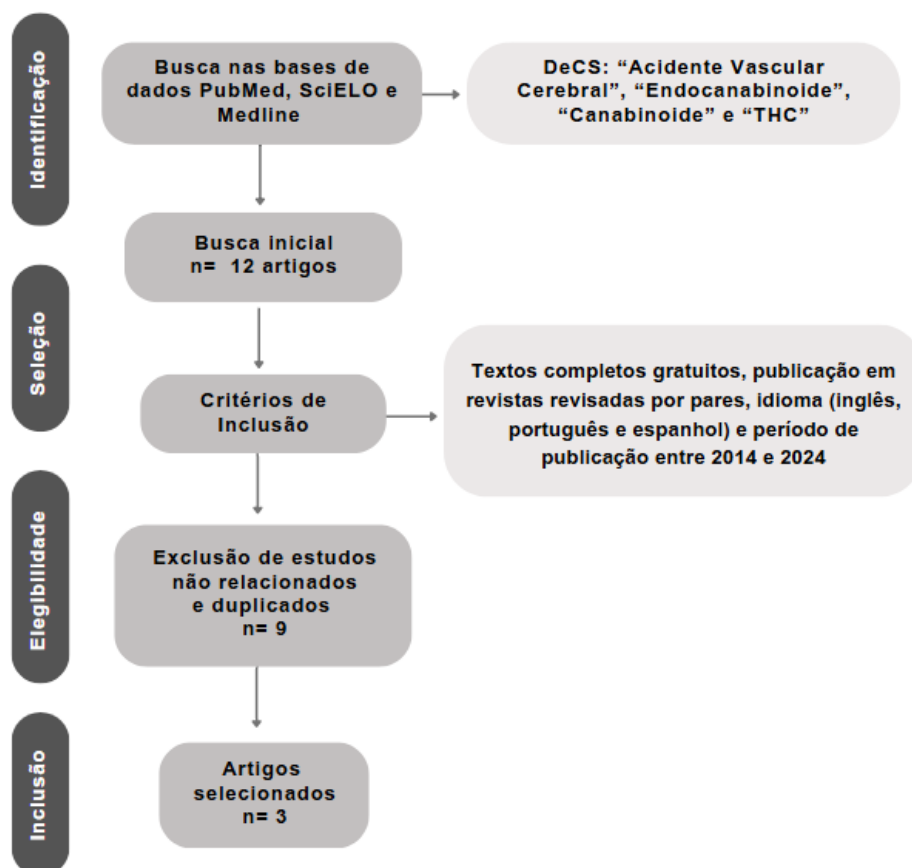
Portanto, esta revisão justifica-se pela relevância de sintetizar as evidências mais recentes sobre o uso de canabinoides na recuperação pós-AVC, com o objetivo de identificar suas aplicações práticas e contribuir para a formulação de diretrizes clínicas que possam orientar a prática médica e aprimorar os desfechos dos pacientes. A compreensão aprofundada dos potenciais benefícios e limitações dos canabinoides na reabilitação pós-AVC pode representar um avanço significativo para a medicina e para o bem-estar dos pacientes, trazendo novas perspectivas para a neurociência e para o tratamento de lesões cerebrais.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi delineada como uma revisão integrativa da literatura, com o intuito de investigar e sintetizar as evidências científicas sobre o uso de canabinoides como adjuvantes na recuperação motora e cognitiva de pacientes adultos acometidos por acidente vascular cerebral (AVC). A pesquisa foi realizada nas bases de dados *Medical Publications* (PubMed), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e

Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), utilizando descritores como, “Acidente Vascular Cerebral”, “Endocanabinoide”, “Canabinoide” e “THC”. Para aumentar a precisão dos resultados e assegurar a relevância dos estudos, o operador booleano “AND” foi utilizado para combinar os termos, focando na relação direta entre canabinoides e processos de reabilitação pós-AVC. Foram considerados apenas artigos publicados nos últimos dez anos (2014-2024), disponíveis integralmente em português, inglês ou espanhol e publicações em revistas revisadas por pares. Estudos que não abordavam diretamente o tema, usavam amostras não humanas ou não apresentavam dados originais pertinentes foram excluídos. Das buscas iniciais, 12 artigos foram identificados; após leitura completa, 3 foram selecionados para análise detalhada, devido à relevância e qualidade metodológica.

Figura1: Fluxograma do processo de busca dos artigos científicos.



Fonte: Elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização de canabinoides no apoio à recuperação motora e cognitiva após um AVC tem gerado resultados promissores em estudos recentes. A administração de canabinoides, especialmente o tetrahydrocannabinol (THC) e o canabidiol (CBD), demonstrou efeitos positivos na promoção da neuroplasticidade, um fator crucial para a reabilitação motora. Segundo Franco & Victorio (2023) o THC demonstrou aumentar a expressão de fatores neurotróficos, que são fundamentais para a recuperação funcional em modelos experimentais de AVC.

Além de promover a neuroplasticidade, os canabinoides têm demonstrado eficácia na redução da espasticidade, um sintoma comum em pacientes após um AVC. Estudos indicam que os canabinoides podem ajudar a diminuir a rigidez muscular, permitindo uma melhor amplitude de movimento durante a reabilitação. Essa evidência sugere que a inclusão de canabinoides na terapia pode facilitar a recuperação funcional, tornando as intervenções de reabilitação mais efetivas (Aragão *et al.*, 2022).

Em relação à recuperação cognitiva, as evidências sugerem que os canabinoides podem ter um impacto significativo. Um estudo conduzido por Rezende Filho *et al.* (2022) revelou que pacientes que receberam canabinoides relataram melhorias nas funções cognitivas, como memória e atenção, após um AVC. Esses achados indicam que os canabinoides podem proporcionar não apenas alívio físico, mas também benefícios mentais, contribuindo para uma recuperação mais holística.

Embora os dados disponíveis sugiram um potencial significativo para os canabinoides na reabilitação pós-AVC, a necessidade de mais pesquisas é evidente. O uso de canabinoides como coadjuvantes pode enriquecer as abordagens terapêuticas, mas a compreensão completa de seus mecanismos de ação e a padronização de seu uso são essenciais para garantir a segurança e eficácia no tratamento de pacientes que sofreram AVC (Dias *et al.*, 2024).

A crescente evidência sobre o uso de canabinoides na recuperação motora e cognitiva após um acidente vascular cerebral (AVC) levanta questões importantes sobre sua aplicabilidade clínica e os mecanismos subjacentes aos seus efeitos. Os canabinoides, principalmente o tetrahydrocannabinol (THC) e o canabidiol (CBD), têm demonstrado propriedades neuroprotetoras que podem ser cruciais durante o processo de reabilitação. Segundo Schlindwein-Zanini & Soliti (2019) os canabinoides podem

ajudar a reduzir o dano neuronal após um AVC, promovendo um ambiente mais favorável para a recuperação. Essa neuroproteção pode ser fundamental para minimizar os efeitos agudos do AVC e facilitar uma reabilitação mais eficaz.

Além da neuroproteção, os canabinoides têm sido associados à plasticidade neural, um fator essencial na recuperação funcional. Sabo & Baptista (2023) afirmam que a modulação do sistema endocanabinoide pode promover a plasticidade sináptica, o que é crucial para a adaptação do cérebro após lesões. Isso sugere que, ao estimular a plasticidade, os canabinoides podem ajudar na recuperação motora, permitindo que os pacientes recuperem habilidades motoras perdidas de forma mais eficiente. No entanto, a variabilidade individual na resposta aos canabinoides exige um estudo mais aprofundado sobre como otimizar seu uso na reabilitação (Franco; Victorio, 2023).

A pesquisa também sugere que os canabinoides podem ter um impacto positivo nas funções cognitivas pós-AVC. Bravo-Ferrer *et al.*, (2016) destacam que o uso de canabinoides demonstrou melhorar a memória e a atenção em pacientes com lesões cerebrais. Esses efeitos podem ser particularmente significativos, pois muitos sobreviventes de AVC enfrentam déficits cognitivos que afetam suas atividades diárias e qualidade de vida. A possibilidade de usar canabinoides como parte de uma abordagem terapêutica para restaurar funções cognitivas é promissora, mas requer mais validação em estudos clínicos (Schlindwein-Zanini & Soliti, 2019).

Entretanto, a implementação de canabinoides na prática clínica não é isenta de desafios. As variações nas respostas individuais e a falta de diretrizes claras sobre dosagem e formulação podem dificultar a padronização dos tratamentos. Rodriguez-Venegas & Fontaine-Ortiz (2020) alertam que mais estudos são necessários para entender as melhores práticas para a utilização de canabinoides na reabilitação pós-AVC. Essa necessidade de padronização é crucial para garantir não apenas a eficácia do tratamento, mas também a segurança dos pacientes, considerando os possíveis efeitos colaterais dos canabinoides.

Por fim, embora a evidência atual sugere um potencial significativo dos canabinoides na recuperação motora e cognitiva após um AVC, é essencial conduzir pesquisas adicionais para confirmar esses achados e estabelecer protocolos de tratamento eficazes. O futuro da terapia com canabinoides na reabilitação pós-AVC dependerá da realização de ensaios clínicos rigorosos que avaliem tanto a eficácia

quanto a segurança. A exploração contínua desse campo poderá levar a novas estratégias terapêuticas que melhorem a qualidade de vida dos sobreviventes de AVC (Ribeiro *et al.*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de canabinoides no apoio à recuperação motora e cognitiva após um acidente vascular cerebral apresenta um potencial significativo, refletindo avanços promissores na pesquisa sobre suas propriedades neuroprotetoras e efeitos na plasticidade neural. Os estudos indicam que esses compostos podem não apenas mitigar os danos causados pelo AVC, mas também facilitar a reabilitação funcional, promovendo a recuperação de habilidades motoras e a melhoria das funções cognitivas. Essa perspectiva abre novas possibilidades para abordagens terapêuticas que podem transformar o tratamento pós-AVC.

No entanto, a implementação clínica dos canabinoides ainda enfrenta desafios, como a necessidade de diretrizes claras sobre dosagem e formulação. É essencial que futuras pesquisas se concentrem em ensaios clínicos rigorosos para validar a eficácia e segurança dessa terapia, além de esclarecer os mecanismos envolvidos. O avanço nesse campo poderá levar a estratégias inovadoras que melhorem a qualidade de vida dos pacientes que sobrevivem a um AVC, proporcionando uma reabilitação mais eficaz e abrangente.

Referências

- ARAGÃO, José Aderval *et al.* O uso de Delta-9-Hidrocannabinol (THC) e Cannabidiol (CBD) no tratamento da doença de Alzheimer: uma revisão integrativa. **Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)- Editora Científica Digital**, v. 1, 2022.
- BRAVO-FERRER, I. *et al.* Cannabinoid Type-2 Receptor Drives Neurogenesis and Improves Functional Outcome After Stroke. **Stroke**, v. 48, n. 1, p. 204–212, 30 nov. 2016.
- CAMPOS, L.O. A influência da maconha (cannabis sativa) no agravamento de doenças psiquiátricas. **Revista Sociedade Científica**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 2671–2699, 2024. DOI: 10.61411/rsc202440217. Disponível em: <https://journal.scientificsociety.net/index.php/sobre/article/view/402>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- CRISTINO, L.; BISOGNO, T.; MARZO, V. D. Cannabinoids and the expanded endocannabinoid system in neurological disorders. **Nature Reviews Neurology**, v. 16, n. 1, p. 9–29, 12 dez. 2019.
- DIAS, Gelson Nycollas Alcântara *et al.* A TERAPIA CANABINOIDE: MECANISMOS DE ATUAÇÃO NO CONTROLE DA DOR OROFACIAL CRÔNICA. **Revista Brasileira de Cannabis**, v. 3, n. 1, 2024.
- FERNANDES, Roberth Geraldo Braga Martins *et al.* Efeitos da maconha não medicinal no neurodesenvolvimento de adolescentes/jovens. **Revista Neurociências**, v. 30, p. 1-40, 2022.
- FRANCO, Rayssa Fanny; VICTORIO, Paula Carpes. Há bases científicas para a descriminalização da cannabis?. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 9, p. 27144-27173, 2023.
- GARCIA, J. B. S.; BARBOSA NETO, J. O. Efeitos adversos do uso dos canabinoides: qual o paradigma de segurança? **Brazilian Journal Of Pain**, 2023.
- GOMES, Bruna Chati; DE MENDONÇA, Regina M. Holanda; VERISSIMO, Mônica Pinheiro de Almeida. O uso de canabinoides no tratamento da dor em pacientes com doença falciforme. **International Journal of Health Management Review**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2022. DOI: 10.37497/ijhmreview.v8i1.302. Disponível em: <https://ijhmreview.org/ijhmreview/article/view/302>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- PACHER, P. *et al.* Cardiovascular effects of marijuana and synthetic cannabinoids: the good, the bad, and the ugly. **Nature Reviews Cardiology**, v. 15, n. 3, p. 151–166, 14 set. 2017.
- PERUCHI, Miguel Licinio Holanda *et al.* Recuperação significativa de paciente com traumatismo crânio-encefálico e acidente vascular cerebral após tratamento com cannabis medicinal: relato de caso envolvendo queda de cavalo. **Studies in Health Sciences**, v. 5, n. 4, p. e10333-e10333, 2024.
- REZENDE FILHO, A. E. de A.; MENDES, D. R.; LIMA, V. H. S.; LOPES, A. L. C.; CARMO, F. R. do; MELO, L. P. M. de; MACIEL, V. C.; MORAES, M. S. F. de; PAIVA, A. C. M.; PIEDADE, N. de A. O efeito das drogas no desenvolvimento de AVC isquêmico em pacientes jovens - uma revisão de literatura / The effect of drugs on the development of ischemic stroke in young patients a literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 9052–9059, 2022. DOI: 10.34119/bjhrv5n3-083. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/47760>. Acesso em: 15 nov. 2024.
- RIBEIRO, G R *et al.* Potencial uso terapêutico dos compostos canabinóides—canabidiol e delta-9-tetrahidrocannabinol. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p. e25310413844-e25310413844, 2021.
- RODRÍGUEZ-VENEGAS, Elia de la Caridad; FONTAINE-ORTIZ, Julio Ernesto. Situação atual da Cannabis sativa, benefícios terapêuticos e reações adversas. **Revista Habanera de Ciências Médicas**, v. 19, n. 6, 2020.

SABO, Helena Wohlers; BAPTISTA, Ana Gabriela. Neuropatias e o uso de canabinóides como estratégia terapêutica. **BrJP**, v. 6, p. 54-59, 2023.

SCHLINDWEIN-ZANINI, Rachel; SOTILI, Micheli. Uso de drogas, repercussões e intervenções neuropsicológicas em saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, v. 11, n. 28, p. 94-116, 2019.

VILHENA, D. V.; LEMGRUBER, P. B.; CRUZATO, C. A.; REIS, R. B. de C.; OLIVEIRA, D. D. G. de; VIEIRA, M. R.; GUARNIER, N. V.; PEDROSA, D. F. Cannabis sativa: uma visão holística de seus efeitos medicinais: Cannabis sativa: a holistic view of its medicinal effects. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 14236–14250, 2022. DOI: 10.34119/bjhrv5n4-187. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/51143>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RELAÇÃO ENTRE IMAGEM CORPORAL E SAÚDE MENTAL DE PESSOAS IDOSAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

¹Alan José da Silva; ²Tereza Raquel Xavier Viana

¹Graduando em Psicologia pela Universidade de Pernambuco - UPE, Garanhuns PE; ²Mestranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina de Jundiaí – FMJ, Jundiaí, São Paulo.

RESUMO: O envelhecimento é um processo natural que envolve mudanças físicas, psicológicas e sociais, sendo a percepção da imagem corporal um fator crucial na saúde mental dos idosos. Alterações físicas associadas à velhice, como perda de massa muscular, rugas e aumento de peso, frequentemente resultam em insatisfação com a aparência, afetando a autoestima e gerando sentimentos de tristeza, ansiedade e depressão. A pressão cultural por uma aparência jovem pode agravar essa insatisfação, intensificando sentimentos de inadequação. Contudo, alguns idosos conseguem desenvolver uma aceitação maior de seu corpo, valorizando aspectos como funcionalidade e bem-estar. Analisar a relação entre a imagem corporal e a saúde mental em idosos, por meio de uma revisão integrativa da literatura, visando entender como a insatisfação com o corpo pode impactar o bem-estar psicológico dessa população. A pesquisa foi realizada através de uma revisão integrativa da literatura, com busca em bases de dados científicas como LILACS e MEDLINE. Foram selecionados seis artigos publicados entre 2019 e 2024, abordando a imagem corporal e saúde mental em idosos. A insatisfação com a imagem corporal está fortemente associada a questões de saúde mental, como depressão e ansiedade. Fatores como doenças crônicas, uso de medicamentos, alterações no equilíbrio energético e aumento do Índice de Massa Corporal (IMC) foram identificados como influências significativas na percepção negativa do corpo e na saúde mental dos idosos. A imagem corporal na terceira idade está intimamente relacionada à saúde mental, sendo fundamental no desenvolvimento de estratégias para promover um envelhecimento saudável e de qualidade de vida. A compreensão dessa relação pode contribuir para a criação de programas de saúde que integrem tanto os aspectos físicos quanto psicológicos do envelhecimento, oferecendo suporte psicológico e social para melhorar a autoestima e o bem-estar dos idosos. Futuros estudos devem continuar explorando essas conexões e buscando intervenções eficazes para promover um envelhecimento positivo e melhorar a qualidade de vida na terceira idade.

Palavras-chave: Imagem Corporal, Idosos, Saúde Mental, Terceira Idade.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento é um fenômeno natural que envolve diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais. À medida que a população mundial envelhece, torna-se cada vez mais relevante entender como esses fatores impactam a qualidade de vida dos idosos. Entre as muitas dimensões do envelhecimento, a percepção da imagem corporal é um aspecto fundamental que pode influenciar significativamente a saúde mental. A imagem corporal é um processo de percepção dos sujeitos sobre seus próprios corpos (Farias *et al.*, 2018; Almeida; Baptista, 2016; Clementino; Goulart, 2019; Albuquerque *et al.*, 2021). Essa percepção pode variar ao longo do tempo, conforme o corpo passa por alterações inerentes ao envelhecimento, afetando de maneira diversa a saúde mental dos idosos.

O conceito de imagem corporal não é estático e pode variar de acordo com a cultura, gênero, experiências de vida e fase do ciclo vital. Em pessoas idosas, a percepção da imagem corporal frequentemente é afetada pelas mudanças fisiológicas associadas ao envelhecimento, como a perda de massa muscular, o surgimento de rugas, o aumento do peso corporal e a diminuição da mobilidade. Essas alterações, além de afetarem a aparência física, podem gerar um impacto emocional significativo, influenciando a forma como os idosos lidam com a própria aparência e com a aceitação do processo de envelhecimento (Oliveira; Giroto; Guidoni, 2022; Quandt *et al.*, 2024).

Segundo o Estatuto da Pessoa Idosa, definido pela Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, considera-se idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003). Nesse contexto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) prevê que, até 2030, 1 em cada 6 pessoas no mundo terá 60 anos ou mais, e que, até 2050, o número de pessoas idosas deverá dobrar (WHO, 2024). Esses dados reforçam a importância de entender como a imagem corporal e a saúde mental interagem na terceira idade, especialmente em um cenário de envelhecimento populacional acelerado.

Estudos apontam que a insatisfação com a imagem corporal pode estar diretamente associada a uma pior saúde mental em idosos. Problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima são mais comuns quando há uma percepção negativa do próprio corpo. Em contrapartida, uma imagem corporal positiva tem sido associada a uma maior sensação de bem-estar, melhor qualidade de vida e resiliência emocional frente aos desafios do envelhecimento (Condello *et al.*, 2019). Dessa forma, entender a

relação entre a imagem corporal e a saúde mental em idosos é essencial para a elaboração de estratégias que promovam um envelhecimento saudável e ativo.

Além dos aspectos psicológicos, a relação entre imagem corporal e saúde mental em idosos também pode ser influenciada por fatores sociais. A pressão cultural para manter uma aparência jovem e saudável pode afetar negativamente a percepção corporal dos idosos, especialmente em uma sociedade que valoriza amplamente a juventude e a estética. A representação da velhice nos meios de comunicação, a falta de visibilidade de corpos envelhecidos, e os estereótipos negativos associados à idade podem intensificar sentimentos de inadequação e contribuir para o surgimento de transtornos mentais nessa população (Estrêla *et al.*, 2021; Figueira *et al.*, 2024).

Por outro lado, alguns estudos sugerem que a imagem corporal em idosos pode estar associada a características positivas, como aceitação e sabedoria adquirida ao longo da vida. Para muitas pessoas idosas, o envelhecimento pode representar uma fase de maior autoaceitação e redefinição dos padrões de beleza, focando mais na funcionalidade e menos na estética. Assim, a forma como a imagem corporal é vivenciada pelos idosos pode variar amplamente, dependendo do contexto individual e social, das experiências de vida e do suporte familiar e comunitário (Novaes *et al.*, 2024; Vázquez-Castillo, 2023).

Portanto, é crucial investigar de forma aprofundada a relação entre imagem corporal e saúde mental em pessoas idosas, a fim de identificar fatores de risco e de proteção que possam guiar intervenções eficazes. Estudos nessa área têm o potencial de contribuir para o desenvolvimento de programas de promoção da saúde mental, enfatizando a importância da aceitação corporal e do envelhecimento saudável, e oferecendo suporte psicológico e social adequado para a população idosa. Ao compreender como a imagem corporal afeta a saúde mental dos idosos, profissionais de saúde podem adotar abordagens mais sensíveis e personalizadas, promovendo um envelhecimento mais digno e satisfatório (WHO, 2024; Andrade *et al.*, 2023; Santos; Silva Junior; Eulálio, 2023; Gonçalves *et al.*, 2024).

Com base nesses dados, o objetivo deste estudo é analisar e discutir as implicações do processo de envelhecimento na imagem corporal associada à saúde mental de pessoas idosas, considerando fatores que possam contribuir para um envelhecimento saudável e com qualidade de vida. Dessa forma, busca-se oferecer

subsídios para o desenvolvimento de estratégias que valorizem a autoaceitação e o bem-estar emocional, promovendo uma visão mais positiva do envelhecimento.

METODOLOGIA

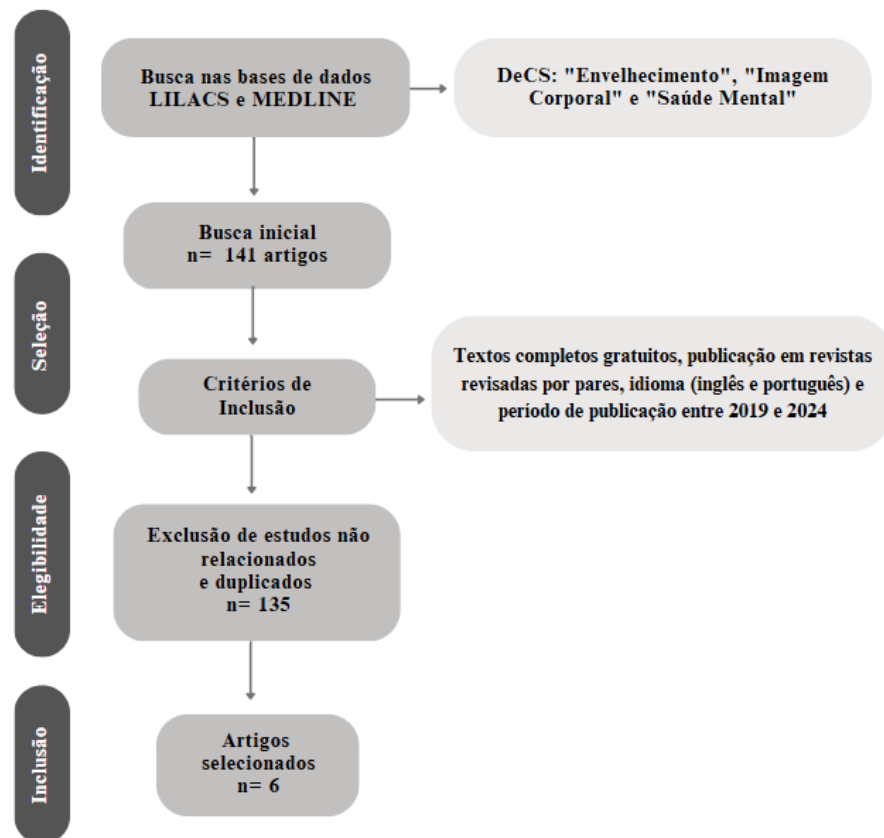
Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, uma metodologia escolhida devido ao seu rigor metodológico e à sua abrangência na análise de estudos (Sousa *et al.*, 2017; Guimarães *et al.*, 2019). Foram realizadas buscas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). A pergunta norteadora para esta revisão foi: "De que forma a imagem corporal repercute na saúde mental de pessoas idosas?". Para identificar os estudos pertinentes, foram utilizados termos do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) com o operador booleano "AND", incluindo as palavras-chave "Envelhecimento", "Imagem Corporal" e "Saúde Mental".

Os critérios de seleção incluíram a disponibilidade de textos completos gratuitos, publicação em revistas revisadas por pares, idioma (inglês e português) e período de publicação entre 2019 e 2024. Após a busca nas bases de dados, os artigos foram selecionados com base nos títulos e resumos; os artigos que preenchiam os critérios de inclusão foram lidos na íntegra.

Foram estabelecidos critérios de exclusão para garantir a relevância e precisão dos resultados analisados, excluindo estudos que não abordaram a relação direta com a imagem corporal de pessoas idosas, artigos focados em outros públicos, artigos duplicados e estudos que não se alinhassem ao problema de pesquisa proposto. Essa abordagem assegurou a consistência e comparabilidade dos resultados entre os estudos selecionados.

Inicialmente, foram encontrados 141 artigos. No entanto, após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 6 artigos para compor o estudo.

Figura 1: Fluxograma do processo de busca dos artigos científicos.



Fonte: Processo de pesquisa literária - elaborado pelos autores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tabela 1 retrata as características dos artigos selecionados: Autores e ano de publicação das obras; Local onde as pesquisas foram realizadas; Objetivo de cada estudo; Método empregado, especificamente com relação à abordagem utilizada.

Tabela 1 - Sumarização dos resultados encontrados na revisão integrativa.

AUTORES	LOCAL	OBJETIVO	MÉTODO
Condello et al., 2019	Itália	Investigar os efeitos mediadores do gasto e ingestão total de energia, massa corporal e insatisfação com a imagem corporal na relação entre idade e percepção de saúde e qualidade de vida	Estudo quantitativo
Kummer et al., 2019	Áustria	Avaliar a relação entre sintomatologia do envelhecimento masculino e comportamento alimentar em homens de meia-idade e mais velhos	Estudo qualitativo

Santos; Giacomin; Firmo, 2019	Brasil	Investigar como o estranhamento corporal de pessoas idosas as mobiliza como sujeitos, produzindo os endereçamentos de ações próprias na experiência da doença e nas práticas da saúde coletiva	Estudo qualitativo
Barret; Gumber, 2018	América do Norte	Examinar o efeito na identidade da idade de 3 categorias de lembretes corporais do envelhecimento: problemas corporais cotidianos, reparos corporais e auxílios corporais	Estudo qualitativo
Silveira; Holds; Giacomozzi, 2021	Brasil	Analisar a relação entre as representações sociais do corpo e as práticas de cuidado corporal adotadas por homens e mulheres idosos	Estudo qualitativo
Raggio et al., 2023	Estados Unidos	Apresentar um perfil abrangente da prevalência e correlatos psicossociais da lipodistrofia, usando medidas projetadas para uso em PLWH, em uma amostra de WLWH envelhecidas (com 45 anos ou mais)	Estudo qualitativo

Fonte: Elaborado pelos Autores, 2024.

A princípio, um estudo descritivo, empírico, de abordagem qualitativa, com delineamento transversal e pesquisa de campo, realizado com pessoas idosas com idades entre 60 (sessenta) e 84 (oitenta e quatro) anos na região da Grande Florianópolis, Brasil, revela que as noções sobre o corpo transcendem o âmbito físico para os entrevistados. Isso ocorre porque há uma associação entre a corporeidade e a mente, entendida como uma estrutura que exerce influência sobre os comportamentos. Nesse contexto, de acordo com os achados do estudo, existe uma crença entre a população idosa de que o aspecto mental é fundamental para a saúde corporal (Silveira; Holds; Giacomozzi, 2021).

Em consonância com o parágrafo anterior, além da influência da saúde mental na imagem corporal, outros fatores também impactam a percepção do corpo na terceira idade. Nesse sentido, um dos achados desta revisão revela que lembretes biofísicos relacionados à corporeidade preveem uma autopercepção de identidades etárias mais avançadas. Os autores explicam que vivenciar problemas corporais cotidianos, tomar medicamentos com frequência, declínios na saúde autoavaliada e na capacidade física foram considerados biomarcadores importantes para a autoconsideração de identidades menos jovens (Barret; Gumber, 2018). Assim, neste estudo específico, a imagem

corporal na terceira idade foi associada a perspectivas negativas no que se refere a noções de corpo saudável, vitalidade e produtividade.

Além disso, sob um contexto mais amplo, um estudo de abordagem qualitativa e de cunho antropológico, realizado com pessoas idosas com idades iguais ou superiores a 60 (sessenta) anos no oeste do estado de Minas Gerais, Brasil, revelou que os participantes da pesquisa relataram insatisfação com o avanço da idade. Nesse sentido, o achado sugere que a presença de doenças na terceira idade impacta negativamente a imagem corporal e a saúde mental, associando esses fatores a sentimentos de tristeza e baixa autoestima. Além disso, outros aspectos como distanciamento social, restrição alimentar e o comprometimento da alteridade, ou seja, a dificuldade de se reconhecer no próprio corpo, foram também mencionados pelos participantes (Santos; Giacomini; Firmo, 2019).

De forma complementar, uma pesquisa com mulheres entre 45 (quarenta e cinco) e 79 (setenta e nove) anos constatou que a lipodistrofia (perda ou ganho de gordura em partes do corpo) associada ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) favorece a manifestação de distúrbios relacionados à imagem corporal. Nesse contexto, aumentos de gordura abdominal ou peitoral/mama foram associados a uma autopercepção negativa da imagem corporal, enquanto o ganho de gordura foi relacionado a níveis mais elevados de depressão. Além disso, a saúde mental da população idosa também foi prejudicada, com sentimentos de ansiedade identificados como consequências da lipodistrofia (Raggio *et al.*, 2023).

Por outro lado, outro estudo realizado com 470 (quatrocentos e setenta) homens, com idades entre 40 (quarenta) e 75 (setenta e cinco) anos, sugere que a sintomatologia do envelhecimento masculino pode estar associada à presença de transtornos alimentares. A partir dessa premissa, os sujeitos mais sintomáticos apresentaram quadros significativos de depressão e autopercepção negativa em relação à imagem corporal, além de outras questões, como maior frequência de tratamentos médicos, níveis de Índice de Massa Corporal (IMC) mais elevados em comparação ao grupo com menos sintomas de envelhecimento e maior dependência de exercícios excessivos como meio de práticas purgativas (Kummer *et al.*, 2019).

Por fim, um estudo empírico realizado com pessoas com idades entre 55 e 84 anos defende a importância do balanço energético com o avanço da idade, devido às

suas implicações nos processos de insatisfação com a imagem corporal. Tal insatisfação está diretamente relacionada às percepções de saúde e qualidade de vida entre os idosos. Os autores reforçam a associação entre uma visão negativa da imagem corporal e a percepção de saúde mental, uma vez que o envelhecimento foi relacionado à diminuição do gasto energético total, à redução na ingestão energética e ao aumento do IMC. Essas alterações provocam insatisfação com a imagem corporal e, consequentemente, uma percepção negativa da saúde mental (Condello *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos revisados, é possível concluir que a imagem corporal na terceira idade está profundamente interligada à saúde mental dos indivíduos, influenciada por diversos fatores, como problemas de saúde, mudanças físicas e alterações na percepção de si mesmos. A saúde mental, por sua vez, exerce um papel crucial na forma como os idosos percebem seus corpos, afetando diretamente a autoestima e a qualidade de vida. Os dados sugerem que a insatisfação com a imagem corporal na velhice está frequentemente associada a sentimentos de tristeza, ansiedade e depressão, além de influenciar as interações sociais e a percepção de envelhecimento.

Além disso, fatores como a presença de doenças crônicas, o uso contínuo de medicamentos e mudanças no equilíbrio energético também contribuem para a percepção negativa do corpo e podem agravar a saúde mental dos idosos. O estudo da imagem corporal e sua relação com o bem-estar psicológico é fundamental para desenvolver estratégias de intervenção que promovam uma velhice mais saudável e satisfatória, considerando a importância de abordagens que integrem os aspectos físicos e mentais do envelhecimento.

Portanto, futuros estudos devem continuar a explorar esses vínculos, buscando identificar intervenções eficazes que possam melhorar a autoestima e a saúde mental de idosos, promovendo um envelhecimento mais positivo e com maior qualidade de vida.

Referências

- ALBUQUERQUE, L. S. *et al.* Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em adultos: análise seccional do ELSA-Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 26, n. 5, 2021, p. 1941-1953. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tZJKPZxvzWPMsWSDBTJqJ3h/?lang=pt#>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- ALMEIDA, L. L. B.; BAPTISTA, T. J. R. Análise da imagem corporal de participantes de um centro de práticas corporais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 3, jul./set. 2016, p. 601-611. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/download/40432/pdf/182915>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- ANDRADE, V. F. *et al.* A influência dos níveis de atividade física nos parâmetros da marcha durante atividades de dupla tarefa em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 26, 2023, p. 1-10. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/fMZvn8WpsG7H7tNJYgLTkNC/?lang=pt#>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- BARRETT, A. E.; GUMBER, C. Feeling old, body and soul: the effect of aging body reminders on age identity. **The Journals of Gerontology Series B Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 75, n. 3, 2018, p. 625-629. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7768716/>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm. Acesso em: 18 nov. 2024.
- CLEMENTINO, M. D.; GOULART, R. M. M. Body image, nutritional status and quality of life in long-lived older adults. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22, n. 06, p. 1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/CgJ5hYm9ZZqK6MLz6fz8xdk/?lang=en#>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- CONDELLO, G. *et al.* Energy balance and active lifestyle: potential mediators of health and quality of life perception in aging. **Nutrients**, v. 11, n. 9, 2019, p. 1-14. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6770584/>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- ESTRÊLA, A. T. C. *et al.* O corpo na velhice e suas relações com as quedas a partir da narrativa de idosos. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 26, n. 11, 2021, p. 5681-5690. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nzvmq4zpxqbrKW3m6x5ZVqG/?lang=pt#>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- FARIAS, R. R. *et al.* Body image satisfaction, sociodemographic, functional and clinical aspects of community-dwelling older adults. **Dement Neuropsychol**, v. 12, n. 3, 2018, p. 306-313. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dn/a/Mh9TcQVzWpySqcjKkS95rJF/?lang=en#>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- FIGUEIRA, O. *et al.* Autoestima e estética na percepção de pessoas idosas de Centros de Referência de Assistência Social. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 27, 2024, p. 1-12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/5r9ptLH3z9W7bjwbqnzVTxn/?lang=pt#>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- GONÇALVES, J. L. *et al.* Barriers to care for dependent older adults: Brazilian Primary Health Care managers' perspective. **PLoS One**, v. 19, n. 10, 2024, p. 1-17. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11463773/>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- GUIMARÃES, H. C. Q. C. P. *et al.* Evidências científicas sobre as úlceras de pernas como sequela da hanseníase. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 32, n. 5, 2019, p. 564-70. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/fYxHY4hb9DbxKcGnfDW6mtF/?format=pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.
- KUMMER, K. K. *et al.* Aging male symptomatology and eating behavior. **The Aging Male**, v. 22, n. 1, p. 55-61, 4 jun. 2019.
- NOVAES, E. M. D. F. *et al.* Percepção de imagem corporal, características socioeconômicas e estilo de vida em mulheres participantes do ELSA-Brasil na Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 40, n.

2, 2024, p. 1-13. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/BzNnVST3yMKyF6by7xjTjSG/?lang=pt#>. Acesso em: 17 nov. 2024.

OLIVEIRA, J. S. A.; GIROTTTO, E.; GUIDONI, C. M. Relação entre o peso corporal e a insatisfação com a imagem corporal entre estudantes universitários. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 2, 2022, p. 39-50. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1415364>. Acesso em: 18 nov. 2024.

QUANDT, V. G. *et al.* Imagem corporal e fatores associados em estudantes da rede municipal de ensino em uma cidade no sul do Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 29, n. 5, 2024, p. 1-14. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/TDTgXfXwCB858nWG7xY38DF/?lang=pt#>. Acesso em: 17 nov. 2024.

RAGGIO, G. A. *et al.* Psychosocial Correlates of Body Image and Lipodystrophy in Women Aging With HIV. **Journal of the Association of Nurses in AIDS Care**, v. 31, n. 2, 2023, p. 157–166. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10681041/>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SANTOS, K. L.; SILVA JÚNIOR, E. G.; EULÁLIO, M. C. Concepções de idosos com hipertensão e/ou diabetes sobre qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, v. 28, 2023, p. 1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/6BFZfqhRL7KrWjTdFdT4tyC/?lang=pt#>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SANTOS, W. G.; GIACOMIN, K. C.; FIRMO, J. O. A. Alteridade do corpo do velho: estranhamento e dor na saúde coletiva. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 11, 2019, p. 4275-4284. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SDPm4XT8KrS55MczPsdZLcS/?lang=pt#>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SILVEIRA, A.; HOLDS, B. V. C.; GIACOMOZZI, A. Social representations of the body and bodily care practices of older adults. **Psico-USF**, v. 26, n. 2, 2021, abr./jun. 2021, p. 279-290. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/VMnpfBdfP9JV5BrnV3fRhWk/?lang=en#>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SOUZA, L. M. M. *et al.* Metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321319742_Metodologia_de_Revisao_Integrativa_da_Literatura_em_Enfermagem. Acesso em: 18 nov. 2024.

VÁZQUEZ-CASTILLO, P. Better alone? The impact of living arrangements on mortality of Costa Rican older adults. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 40, 2023, p. 1-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/cYtMV5nMYbZrGGnMxrkXkgQ/?lang=en#>. Acesso em: 18 nov. 2024.

WHO - World Health Organization. **Ageing and health**. 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MUITO ESTÍMULO, POUCO DESENVOLVIMENTO? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE OS EFEITOS DA HIPERESTIMULAÇÃO NO CÉREBRO INFANTIL

MUITO ESTÍMULO, POUCO DESENVOLVIMENTO? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE OS EFEITOS DA HIPERESTIMULAÇÃO NO CÉREBRO INFANTIL

¹Julia Dias Bendini; ²Larissa Soares Leite; ³Thomaz Santi Vincensi; ⁴Lorrane Tallita Santos De Freitas; ²Isabela Bonilla Benke; ⁵Victor Antônio Fernandes Codognio

¹ Graduada em Medicina, Universidade do Oeste Paulista – Presidente Prudente/SP, Brasil.

² Acadêmica de Medicina, Universidade de Marília – Marília/SP, Brasil.

³ Graduado em Medicina, Universidade de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto/SP, Brasil.

⁴ Graduada em Medicina, Universidade Federal de Sergipe – Aracaju/SE, Brasil.

⁵ Graduada em Medicina, Universidade de Marília – Marília/SP, Brasil.

RESUMOINTRODUÇÃO:O avanço tecnológico, a expansão da mídia digital e a valorização precoce do desempenho cognitivo têm levado muitas crianças a ambientes repletos de estímulos. Brinquedos interativos e telas digitais são frequentemente utilizados com a intenção de acelerar o aprendizado, mas evidências sugerem que essa hiperestimulação pode ultrapassar a capacidade adaptativa do cérebro em desenvolvimento. OBJETIVO: Avaliar os impactos da hiperestimulação precoce no neurodesenvolvimento infantil. MÉTODOS: Foi conduzida uma revisão sistemática segundo as diretrizes PRISMA. Foram pesquisadas as bases PubMed/MEDLINE e Scopus entre 2019 e 2025, com descritores relacionados a “sensory overload”, “overstimulation”, “child development” e “brain development”. Trinta e oito estudos foram inicialmente identificados; após análise crítica, sete artigos atenderam aos critérios de inclusão. RESULTADOS: A hiperestimulação precoce foi associada a maior incidência de desorganização atencional, impulsividade, irritabilidade e dificuldades de regulação emocional. Crianças expostas a ambientes saturados de estímulos apresentaram menor criatividade, baixa tolerância à frustração, sono fragmentado e níveis elevados de estresse fisiológico. Evidências experimentais em animais mostraram alterações neurobiológicas em regiões como amígdala e núcleo accumbens, com prejuízos em memória e aprendizagem. Estudos observacionais identificaram ainda retrocessos no desenvolvimento da linguagem associados ao uso excessivo de telas em menores de cinco anos. CONCLUSÃO: A hiperestimulação, longe de promover avanços lineares, pode comprometer funções críticas do neurodesenvolvimento. Estratégias de saúde pública e orientações parentais devem priorizar experiências equilibradas, o brincar livre e vínculos afetivos estáveis, respeitando o ritmo natural da infância.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Neurologia. Transtornos cognitivos.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é marcado por um período de intensa plasticidade cerebral, no qual fatores ambientais exercem papel crucial sobre a arquitetura neural e a formação das habilidades cognitivas, emocionais e sociais. A infância inicial, sobretudo os primeiros cinco anos de vida, constitui uma janela crítica para a consolidação de conexões sinápticas que irão sustentar funções executivas, linguagem, memória, regulação emocional e competências sociais ao longo da vida ^{1,2,3}.

Nas últimas décadas, profundas transformações socioculturais alteraram a forma como a infância é vivida. A urbanização, a aceleração do cotidiano, a introdução massiva de tecnologias digitais e a crescente valorização do desempenho precoce resultaram em ambientes repletos de estímulos sensoriais e cognitivos. Brinquedos eletrônicos, televisores, smartphones e aplicativos educacionais estão presentes desde os primeiros meses de vida, muitas vezes substituindo o brincar livre e a interação interpessoal. Além disso, o excesso de atividades dirigidas — como cursos de idiomas, música e reforço escolar em idade pré-escolar — reflete a pressão social por um desenvolvimento acelerado ^{3,4,5}.

Embora a estimulação adequada seja reconhecida como benéfica para o neurodesenvolvimento, há um limite além do qual a exposição contínua e intensa a estímulos pode configurar hiperestimulação. Esse fenômeno, também descrito como sobrecarga sensorial ou *overstimulation*, levanta preocupações quanto a potenciais efeitos adversos sobre o cérebro em maturação.

Estudos sugerem que a hiperestimulação está associada a desorganização atencional, impulsividade, irritabilidade, alterações do sono e prejuízos no desenvolvimento da linguagem. Modelos experimentais indicam que a exposição precoce e excessiva a estímulos pode induzir alterações neurobiológicas em áreas-chave como a amígdala e o hipocampo, comprometendo memória, aprendizagem e regulação emocional ^{4,5,6}.

Diante desse cenário, torna-se essencial sistematizar as evidências existentes para compreender em que medida a hiperestimulação impacta o neurodesenvolvimento infantil, identificando tanto os riscos potenciais quanto as estratégias protetoras que podem mitigar esses efeitos.

O objetivo desta revisão sistemática é analisar e sintetizar as evidências científicas sobre os efeitos da hiperestimulação no neurodesenvolvimento infantil,

identificando os impactos de excesso de estímulos sensoriais, cognitivos e digitais sobre funções cognitivas, emocionais e comportamentais, bem como os fatores protetores que podem mitigar esses efeitos.

METODOLOGIA

Esta revisão sistemática foi conduzida seguindo as diretrizes PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). As bases de dados consultadas incluíram PubMed, Scopus, Web of Science, SciELO e BVS, abrangendo estudos publicados entre 2000 e 2025. Foram incluídos estudos originais em inglês, português e espanhol que investigaram o impacto da hiperestimulação sensorial, cognitiva ou digital em crianças de 0 a 6 anos.

Os critérios de inclusão contemplaram: ensaios clínicos randomizados, estudos longitudinais, estudos observacionais e revisões sistemáticas que avaliassem desfechos relacionados a QI, atenção, comportamento, funções executivas, comunicação, habilidades socioemocionais e saúde mental infantil. Foram excluídos artigos sem acesso ao texto completo, relatos de caso isolados e estudos com populações especiais (ex.: crianças com deficiência neurológica pré-existente).

A busca utilizou termos combinados com operadores booleanos, incluindo: “hiperestimulação infantil”, “superestímulo”, “neurodesenvolvimento”, “estimulação cognitiva excessiva”, “dispositivos digitais” e “funções executivas”. Todos os títulos e resumos foram analisados por dois revisores independentes; divergências foram resolvidas por consenso ou por um terceiro revisor.

A revisão sistemática identificou inicialmente 38 artigos, dos quais 7 atenderam aos critérios de inclusão após triagem de títulos, resumos e textos completos. A maioria dos estudos incluídos era longitudinal, com acompanhamento de crianças entre 0 meses e 6 anos, enquanto outros consistiam em ensaios clínicos randomizados ou revisões sistemáticas.

Os dados extraídos incluíram características do estudo (autor, ano, país, desenho), população, tipo de estímulo, instrumentos de avaliação e principais resultados sobre neurodesenvolvimento. A qualidade metodológica dos estudos foi avaliada utilizando escala de Newcastle-Ottawa para estudos observacionais e Cochrane Risk of Bias Tool para ensaios clínicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados demonstraram que a hiperestimulação infantil, seja por exposição excessiva a estímulos digitais ou por atividades cognitivas intensas, está associada a impactos significativos no desenvolvimento neurocognitivo e socioemocional das crianças. Crianças expostas a estímulos digitais prolongados apresentaram maiores dificuldades de atenção, déficit em funções executivas, menor autorregulação e aumento de comportamentos compatíveis com sintomas de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade ^{1,2,3,4}.

O contexto familiar emergiu como um fator modulador crucial. Crianças cujas famílias apresentavam alta sensibilidade parental e ofereciam estímulos estruturados e de qualidade apresentaram melhor desempenho cognitivo, maior competência socioemocional e autorregulação adequada, mesmo em situações de intensa estimulação. Em contrapartida, ambientes familiares com baixa sensibilidade, práticas parentais desorganizadas ou controle negativo potencializaram os efeitos adversos da hiperestimulação, refletindo em déficits cognitivos, comportamentais e socioemocionais ^{1,3,5,6,7}.

Intervenções combinando estímulos estruturados e suplementação nutricional mostraram resultados positivos, indicando que o impacto da hiperestimulação depende do tipo de estímulo, da qualidade das interações e do suporte ambiental. Ensaios clínicos demonstraram que estímulos isolados, de baixa qualidade ou sem supervisão adequada, não promoviam ganhos significativos e, em alguns casos, aumentavam problemas de atenção. As áreas do desenvolvimento mais afetadas incluíram funções executivas, competências socioemocionais, linguagem expressiva e saúde mental, com aumento de sintomas de ansiedade, irritabilidade e déficit de atenção em crianças vulneráveis ^{1,4,5}.

O nível e a qualidade da estimulação desempenharam papel determinante: crianças expostas a estímulos equilibrados, mediadas por cuidadores sensíveis, mostraram desenvolvimento cognitivo e socioemocional superior em comparação àquelas submetidas à hiperestimulação sem suporte. Diferenças socioeconômicas também se mostraram relevantes, com crianças de famílias de baixa renda ou com menor escolaridade materna sendo mais suscetíveis aos efeitos negativos da hiperestimulação. Evidências de médio e longo prazo sugerem que a exposição precoce a estímulos excessivos em contextos de baixo suporte pode gerar déficits persistentes,

incluindo desempenho acadêmico inferior, dificuldades de atenção e problemas de regulação emocional, enquanto a qualidade do estímulo e da interação parental se apresenta como fator protetor essencial para o desenvolvimento infantil ^{4,5,6,7}.

CONCLUSÃO

A hiperestimulação no início da infância exerce efeitos significativos sobre o desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comportamental das crianças, especialmente quando ocorre em contextos de baixo suporte familiar ou interação parental inadequada. Embora estímulos estruturados e de qualidade possam favorecer o aprendizado e a autorregulação, a exposição excessiva a múltiplos estímulos, sobretudo digitais, sem mediação adequada, aumenta o risco de déficits de atenção, comprometimento das funções executivas e dificuldades socioemocionais. Os achados ressaltam a importância de estratégias parentais sensíveis e de ambientes equilibrados, capazes de modular os impactos da estimulação intensa, promovendo desenvolvimento saudável e prevenindo consequências negativas a longo prazo. Além disso, fatores socioeconômicos emergem como moduladores críticos, sugerindo que intervenções direcionadas e educação parental podem ser eficazes para mitigar os efeitos adversos da hiperestimulação. Em síntese, o desenvolvimento infantil é altamente sensível ao tipo, à intensidade e à qualidade da estimulação, e políticas públicas, práticas educativas e orientação familiar devem considerar esses fatores para promover o bem-estar e o potencial cognitivo e emocional das crianças.

Referências

BAKK, Z.; VERMUNT, J. K. Robustness of stepwise latent class modeling with continuous distal outcomes. **Structural Equation Modeling**, v. 23, n. 1, p. 20-31, 2016. DOI: 10.1080/10705511.2014.955104.

CAAMAÑO-NAVARRETE, F. et al. Association between active commuting and lifestyle parameters with mental health problems in Chilean children and adolescents. **Behavioral Sciences (Basel)**, v. 14, n. 7, p. 554, 2024. DOI: 10.3390/bs14070554.

CHRISTAKIS, D. A. et al. How early media exposure may affect cognitive function. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 115, n. 40, p. 9851-9858, 2018. DOI: 10.1073/pnas.1711548115.

MELHUISH, E. C. et al. Effects of the home learning environment and preschool center experience upon literacy and numeracy development in early primary school. **Journal of Social Issues**, v. 64, n. 1, p. 95-114, 2008. DOI: 10.1111/j.1540-4560.2008.00550.x.

MILLS-KOONCE, W. R.; TOWE-GOODMAN, N.; SWINGLER, M. M.; WILLOUGHBY, M. T. Profiles of family-based social experiences in the first 3 years predict early cognitive, behavioral, and socioemotional competencies. **Developmental Psychology**, v. 58, n. 2, p. 297-310, 2022. DOI: 10.1037/dev0001287.

MOFFITT, T. E. et al. A gradient of childhood self-control predicts health, wealth, and public safety. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 108, n. 7, p. 2693-2698, 2011. DOI: 10.1073/pnas.1010076108.

SCHNEIDER, N. et al. A combined dietary and cognitive intervention in 3–5-year-old children in Indonesia: A randomized controlled trial. **Nutrients**, v. 10, n. 10, p. 1394, 2018. DOI: 10.3390/nu10101394.

O CÉREBRO HIPERCONECTADO: QUAL O IMPACTO DA EXPOSIÇÃO DIGITAL NO NEURODESENVOLVIMENTO INFANTIL?

¹Julia Dias Bendini; ²Larissa Soares Leite; ³Thomaz Santi Vincensi; ⁴Lorrane Tallita Santos De Freitas; ²Isabela Bonilla Benke; ⁵Victor Antônio Fernandes Codogni

¹ Graduada em Medicina, Universidade do Oeste Paulista – Presidente Prudente/SP, Brasil.

² Acadêmica de Medicina, Universidade de Marília – Marília/SP, Brasil.

³ Graduado em Medicina, Universidade de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto/SP, Brasil.

⁴ Graduada em Medicina, Universidade Federal de Sergipe – Aracaju/SE, Brasil.

⁵ Graduada em Medicina, Universidade de Marília – Marília/SP, Brasil.

RESUMO: INTRODUÇÃO: O uso crescente de dispositivos digitais na infância tem levantado preocupações sobre seus efeitos no neurodesenvolvimento. A exposição precoce a tecnologias pode influenciar áreas cruciais como atenção, linguagem, regulação emocional e comportamento social. A neuroplasticidade das crianças torna o cérebro mais suscetível a essas influências, especialmente durante os primeiros anos, que são críticos para o desenvolvimento cerebral. MÉTODO: Revisão sistemática nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, PsycINFO e Scielo, com estudos publicados entre 2015 a 2025. Foram utilizados os descritores "Screen Time", "Digital Media", "Electronic Devices", "Child Development", "Neurodevelopment", "Cognition". Encontrou-se 13 estudos selecionados por análise crítica utilizando o método PRISMA. RESULTADOS: Em crianças de 2 a 5 anos, foi observada uma diminuição na ativação de áreas cerebrais responsáveis pela atenção e controle inibitório, além de uma preferência por recompensas imediatas, associada a dificuldades na regulação emocional. A exposição prolongada também foi correlacionada com atrasos no desenvolvimento da atenção sustentada, afetando o desempenho em tarefas cognitivas, como memória de trabalho. Além disso, o uso excessivo de telas foi associado a aumento da ansiedade, depressão e comportamentos externalizantes, como agressividade e dificuldades sociais. Em relação ao sono, crianças expostas a dispositivos antes de dormir mostraram dificuldades para iniciar o sono e menor qualidade do sono, impactando negativamente sua cognição e emocionalidade. CONCLUSÃO: A exposição digital excessiva pode prejudicar o neurodesenvolvimento infantil, afetando áreas como atenção, controle emocional e comportamento social. Contudo, o uso mediado de tecnologias pode trazer benefícios educacionais, sendo essencial equilibrar a exposição para promover um desenvolvimento saudável.

Palavras-chave: Exposição Digital. Neurodesenvolvimento. Desenvolvimento Infantil.

INTRODUÇÃO

O uso crescente de dispositivos digitais na infância tem gerado preocupações sobre os impactos potenciais no neurodesenvolvimento infantil. Com a proliferação de smartphones, tablets e outros aparelhos desde os primeiros anos de vida, crianças estão cada vez mais expostas a conteúdos digitais, muitas vezes sem supervisão. Esta exposição precoce pode afetar processos cognitivos, emocionais e comportamentais durante um período crítico de desenvolvimento cerebral. A neuroplasticidade das crianças, embora positiva para a aprendizagem, também torna o cérebro mais suscetível a influências externas, e o uso excessivo de tecnologias pode interferir em áreas cruciais do desenvolvimento, como a atenção, a linguagem, o comportamento social e a regulação emocional.

Tendo como objetivo avaliar os impactos da exposição digital no neurodesenvolvimento de crianças de 0 a 12 anos.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática por meio da seleção de estudos nas bases de dados PubMed/MEDLINE, Scopus, PsycINFO e Scielo, publicados entre os anos de 2015 a 2025. Os descritores utilizados foram "Screen Time", "Digital Media", "Electronic Devices", "Mobile Phones", "Internet Use", "Child Development", "Neurodevelopment", "Brain Development", "Cognition", "Attention", "Executive Function", "Behavior", "Emotional Development", "Adults", "Adolescents". A busca foi complementada com análise manual das referências bibliográficas dos estudos incluídos, com o objetivo de identificar publicações relevantes não capturadas nas buscas iniciais. Encontraram-se 107 estudos, dos quais 13 foram selecionados por meio de análise crítica utilizando o método PRISMA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise revelou diversos impactos da exposição digital no neurodesenvolvimento infantil, com destaque para alterações no comportamento, funções executivas, e desenvolvimento cognitivo e emocional. Os efeitos da exposição prolongada a dispositivos digitais e telas foram especialmente evidentes em crianças com idades entre 2 e 5 anos, período crucial para o desenvolvimento da linguagem e da regulação emocional.

Em termos de neurodesenvolvimento, foi observada uma diminuição na ativação de áreas cerebrais responsáveis pela atenção e controle inibitório, com algumas crianças apresentando dificuldades significativas em manter o foco em tarefas simples e a impulsividade elevada. Esse impacto foi especialmente pronunciado em crianças expostas a conteúdos digitais de forma não supervisionada e sem mediação dos pais. Além disso, as alterações nos circuitos cerebrais de recompensa foram associadas ao aumento da preferência por recompensas imediatas e à diminuição da capacidade de lidar com frustrações e atrasos, características típicas de dificuldades no controle emocional.

Em relação à atenção e funções executivas, vários estudos indicaram que a exposição prolongada a telas pode atrasar o desenvolvimento da atenção sustentada. Crianças com uso excessivo de dispositivos digitais, em especial as que usavam mais de 3 horas por dia, mostraram um desempenho inferior em tarefas de atenção seletiva e memória de trabalho. Isso sugere que a exposição digital excessiva pode comprometer o funcionamento adequado dessas funções, fundamentais para o aprendizado e adaptação social. No que tange ao desenvolvimento emocional e comportamental, os estudos identificaram um aumento nas taxas de ansiedade e depressão entre crianças expostas a altos níveis de uso de redes sociais e dispositivos digitais.

Além disso, foi notada uma correlação entre o uso excessivo de tecnologias e o aumento de comportamentos externalizantes, como agressividade e dificuldades em interações sociais. Crianças que passavam mais tempo em dispositivos digitais apresentaram também níveis mais elevados de estresse emocional, com dificuldades em processar emoções complexas e em manter vínculos sociais saudáveis. Outro achado relevante foi o impacto da exposição digital no sono. Crianças que usavam dispositivos antes de dormir apresentaram dificuldades em iniciar o sono e menor qualidade do sono, o que comprometeu diretamente sua cognição e regulação emocional no dia seguinte.

Por outro lado, os estudos também indicaram que o uso de dispositivos digitais de forma moderada e supervisionada, especialmente em contextos educativos, teve efeitos positivos no desenvolvimento cognitivo e social, principalmente quando as crianças interagiam com conteúdos digitais que incentivavam a aprendizagem ativa e colaborativa.

CONCLUSÃO

A exposição digital excessiva tem mostrado impactos significativos no neurodesenvolvimento infantil, particularmente em áreas como atenção, controle emocional, comportamento e aprendizado. O uso descontrolado de tecnologias pode resultar em déficits nas funções executivas e comportamentais, afetando o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. No entanto, a mediação ativa dos pais e o uso direcionado e educativo de dispositivos digitais podem mitigar muitos desses efeitos negativos. É crucial estabelecer estratégias para equilibrar a exposição digital e garantir que as crianças se beneficiem da tecnologia sem comprometer seu desenvolvimento saudável.

Referências

- ALRAHILI, N. et al. The association between screen time exposure and autism spectrum disorder-like symptoms in children. **Cureus**, v. 13, n. 10, p. e18787, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8592297/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- HEFFLER, K. F. et al. Association of early-life social and digital media exposure with autism spectrum disorder-like symptoms. **JAMA Network Open**, v. 3, n. 3, e201110, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7171577/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- HUTTON, J. S.; PIOTROWSKI, J. T.; BAGOT, K.; BLUMBERG, F.; CANLI, T.; CHEIN, J.; CHRISTAKIS, D. A.; GRAFMAN, J.; GRIFFIN, J. A.; HUMMER, T.; KUSS, D. J.; LERNER, M.; LEVINE, M.; LUNDBERG, K.; MACKENZIE, M.; MATTSON, M. P.; MUNAKATA, Y.; O'CONNOR, M.; RICHARDS, J.; ROTH, M.; RYAN, R.; SANDERS, M.; SCHNEIDER, E.; SHAW, D. S.; SHAW, J.; SHIN, J.; SHUMSKY, J.; SIMON, R.; SINGH, R.; SMITH, J.; STROHMEYER, S.; SULLIVAN, M.; TAYLOR, M.; WILLIAMS, A.; WONG, M.; ZHANG, Y. Digital media and developing brains: concerns and opportunities. **Current Addiction Reports**, v. 11, n. 2, p. 287–298, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11003891/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- KORTE, M. The impact of the digital revolution on human brain and behavior: where do we stand? **Dialogues in Clinical Neuroscience**, v. 22, n. 2, p. 101–111, 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7366944/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- MADIGAN, S. et al. Association between screen time and children's performance on a developmental screening test. **JAMA Pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244–250, 2019. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6439882/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- MUFFALLA, S. K. et al. Effects of excessive screen time on child development: an updated review and strategies for management. **Cureus**, v. 15, n. 6, e40608, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10353947/>. Acesso em: 8 out. 2025.
- ZHAO, J. et al. Association between screen time trajectory and early childhood development in children in China. **JAMA Pediatrics**, v. 176, n. 8, p. 768–775, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9171655/>. Acesso em: 8 out. 2025.

EFICÁCIA DA MUSICOTERAPIA RECEPTIVA NA REDUÇÃO DE SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: REVISÃO SISTEMÁTICA

EFICÁCIA DA MUSICOTERAPIA RECEPTIVA NA REDUÇÃO DE SINTOMAS DEPRESSIVOS EM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: REVISÃO SISTEMÁTICA

¹Julia Dias Bendini; ²Larissa Soares Leite; ³Thomaz Santi Vincensi; ⁴Lorrane Tallita Santos De Freitas; ²Isabela Bonilla Benke; ⁵Victor Antônio Fernandes Codognio

¹ Graduada em Medicina, Universidade do Oeste Paulista – Presidente Prudente/SP, Brasil.

² Acadêmica de Medicina, Universidade de Marília – Marília/SP, Brasil.

³ Graduado em Medicina, Universidade de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto/SP, Brasil.

⁴ Graduada em Medicina, Universidade Federal de Sergipe – Aracaju/SE, Brasil.

⁵ Graduada em Medicina, Universidade de Marília – Marília/SP, Brasil.

RESUMO: A musicoterapia receptiva, caracterizada pela audição de música selecionada para promover relaxamento e bem-estar, é uma intervenção não farmacológica indicada para reduzir sintomas depressivos em idosos institucionalizados. Considerando a alta prevalência de depressão nesse público e suas consequências na qualidade de vida, torna-se relevante avaliar sua eficácia. Foi realizada uma revisão sistemática nas bases MEDLINE-PubMed e Google Scholar (2015-2025), com os descritores "Depressive Disorder, Major Depressive Disorder, Depression, Depressive Symptoms, Music Therapy, Receptive Music Therapy, Music Listening". Foram selecionados cinco estudos, incluindo ensaios clínicos randomizados, estudos de coorte e revisões sistemáticas, seguindo os critérios do método PRISMA. Os resultados indicaram que a musicoterapia receptiva, com sessões semanais de 30 a 60 minutos por 5 a 10 semanas, promoveu redução significativa dos sintomas depressivos em 412 idosos. As escalas utilizadas foram a Geriatric Depression Scale (GDS), que avalia tristeza, falta de energia e desesperança, e o Beck Depression Inventory (BDI), que mede aspectos emocionais, cognitivos e físicos da depressão. Os efeitos benéficos decorrem da ativação do sistema límbico e da liberação de neurotransmissores como dopamina e serotonina, modulando a conexão entre o córtex pré-frontal e o sistema límbico e favorecendo respostas emocionais positivas. Embora não tenha havido alteração significativa nos níveis de cortisol salivar, os estudos indicam que os benefícios emocionais são independentes da resposta fisiológica ao estresse. Portanto, a musicoterapia receptiva é uma intervenção viável, segura e eficaz na redução de sintomas depressivos em idosos institucionalizados, promovendo bem-estar emocional e podendo ser utilizada como complemento às abordagens tradicionais em instituições de longa permanência.

Palavras-chave: Depressão. Terapia musical. Idosos.

INTRODUÇÃO

A depressão em idosos institucionalizados é um problema de saúde pública relevante, com prevalência estimada entre 20% e 40% em instituições de longa permanência, impactando negativamente a qualidade de vida, funcionalidade e autonomia. Estratégias não farmacológicas, como a musicoterapia receptiva, surgem como alternativas seguras e viáveis para a promoção do bem-estar psicológico. Diferente da musicoterapia ativa, que envolve a execução de instrumentos ou canto, a musicoterapia receptiva consiste na escuta de músicas selecionadas, podendo ser gravadas ou ao vivo, com o objetivo de induzir relaxamento, reduzir ansiedade e modular o humor. Estudos sugerem que a música atua no sistema límbico, promovendo a liberação de neurotransmissores como dopamina e serotonina, fundamentais na regulação emocional, prazer e bem-estar.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática das bases MEDLINE-PubMed e Google Scholar, considerando publicações de 2015 a 2025. Os descritores utilizados foram: "Depressive Disorder", "Major Depressive Disorder", "Depression", "Depressive Symptoms", "Music Therapy", "Receptive Music Therapy", "Music Listening". A seleção de estudos seguiu os critérios do método PRISMA, incluindo ensaios clínicos randomizados (ECR), estudos de coorte e revisões sistemáticas. Foram selecionados cinco estudos que abordaram a eficácia da musicoterapia receptiva em idosos institucionalizados, totalizando 412 participantes. A qualidade metodológica foi avaliada por meio da ferramenta Cochrane Risk of Bias e análise crítica da literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos incluídos relataram que sessões de musicoterapia receptiva, com duração de 30 a 60 minutos, realizadas semanalmente por 5 a 10 semanas, promovem redução significativa dos sintomas depressivos, mensurados por escalas padronizadas como Geriatric Depression Scale (GDS) e Beck Depression Inventory (BDI) (da Silva et al., 2019; Ran et al., 2023). A GDS, composta por perguntas diretas, avalia aspectos emocionais, físicos e cognitivos da depressão em idosos, enquanto o BDI considera sintomas emocionais, somáticos e de percepção de autoeficácia.

Do ponto de vista neurobiológico, a musicoterapia receptiva ativa áreas do sistema límbico, incluindo a amígdala e o hipocampo, e modula a conectividade entre o córtex pré-frontal e o sistema límbico, promovendo respostas emocionais positivas. Além disso, observa-se liberação de dopamina e serotonina, associadas à sensação de prazer e regulação do humor. Alguns estudos analisaram biomarcadores de estresse, como o cortisol salivar, e não identificaram alterações significativas, sugerindo que os benefícios emocionais podem ocorrer independentemente da resposta fisiológica ao estresse (Bradt & Dileo, 2019).

Os efeitos da musicoterapia receptiva não se limitam à melhora do humor. Ela também contribui para o aumento do engajamento social, melhora da atenção e diminuição de comportamentos agressivos ou apáticos em idosos institucionalizados. A intervenção mostrou-se segura, de fácil implementação e custo relativamente baixo, características importantes para instituições de longa permanência (Bradt & Dileo, 2019; Ran et al., 2023; da Silva et al., 2019).

A musicoterapia receptiva constitui uma intervenção eficaz para reduzir sintomas depressivos em idosos institucionalizados, com impacto positivo na saúde emocional e na qualidade de vida. Os achados corroboram evidências anteriores de que a música influencia diretamente processos neuroquímicos e emocionais, sendo capaz de induzir estados de relaxamento e prazer, fundamentais na modulação da depressão (Bradt & Dileo, 2019; Ran et al., 2023).

No entanto, limitações metodológicas devem ser consideradas. A heterogeneidade quanto à duração, frequência das sessões e tipo de música utilizada dificulta a padronização da intervenção. Além disso, poucos estudos incluíram acompanhamento a longo prazo, restringindo a análise da manutenção dos efeitos. Estudos futuros devem considerar o impacto da música personalizada versus genérica, bem como a avaliação de efeitos combinados com outras terapias não farmacológicas.

CONCLUSÃO

A musicoterapia receptiva mostrou-se eficaz na redução de sintomas depressivos em idosos institucionalizados, promovendo bem-estar emocional e maior engajamento social. Apesar de não alterar significativamente biomarcadores de estresse, como o cortisol salivar, constitui uma estratégia acessível, viável e complementar ao tratamento

tradicional, sendo recomendada como parte do cuidado integral em instituições de longa permanência.

Referências

BRADT, J.; DILEO, C. Music interventions for mechanically ventilated patients. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. CD004517, 2010. doi: 10.1002/14651858.CD004517.pub3.

BRADT, J.; DILEO, C. Music interventions for mechanically ventilated patients. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. CD004517, 2010. doi: 10.1002/14651858.CD004517.pub3.

CHEN, X.; WANG, L.; LI, Y. Effects of music therapy on depressive symptoms in older adults: a systematic review and meta-analysis. **BMC Complementary Medicine and Therapies**, v. 22, p. 382, 2022. doi: 10.1186/s12906-022-03832-6.

LIU, Y.; ZHANG, H.; WANG, X. The effect of music therapy on the quality of life of elderly people living in nursing homes. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 15, p. 5291, 2022. doi: 10.3390/ijerph19159291.

RAN, R.; YING, Y.; ZHANG, W. Effects of music intervention on anxiety, depression symptoms and quality of life in breast cancer patients: a meta-analysis. **Actas Españolas de Psiquiatría**, v. 51, n. 6, p. 250-261, dez. 2023. PMID: 38321719; PMCID: PMC10847666.

CEFALEIA CRÔNICA POR USO EXCESSIVO DE ANALGÉSICOS: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

¹João Alves De Freitas Filho, ²Tereza Emilly Ponce Pereira, ³Yarley Dos Santos Andrade, ⁴João Victor Jácome De Lima Brito, ⁵José Guilherme Ferreira Marques Galvão, ⁶Ana Emilia Formiga Marques, ⁷Carla Islene Holanda Moreira.

¹ Graduando em Farmácia. Unifsm, Cajazeiras Pb, Brasil.

² Graduando em Farmácia. Unifsm, Sousa Pb, Brasil.

³ Graduando em Farmácia. Unifsm, Sousa-PB, Brasil.

⁴ Graduação em Farmácia. Unifsm, José da Penha, RN, Brasil.

⁵ Graduando em Farmácia e Doutor em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos. Unifsm, João Pessoa PB, Brasil.

⁶ Mestre em Ciências Naturais e Biotecnologia. Unifsm, Cajazeiras, PB, Brasil

⁷ Especialista em Saúde Mental e Docência do Ensino Superior. Unifsm, Cajazeiras - PB, Brasil.

RESUMO: A cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos configura-se como uma condição secundária e iatrogênica, resultante do consumo frequente e prolongado de medicamentos utilizados para o alívio da dor. Trata-se de um problema de relevância clínica e de saúde pública, uma vez que compromete significativamente a qualidade de vida, a produtividade e o bem-estar psicossocial dos indivíduos acometidos. O presente estudo teve como objetivo discorrer sobre o uso excessivo de analgésicos relacionado ao desenvolvimento da cefaleia crônica, identificando os principais fármacos envolvidos, fatores associados, impactos clínicos e estratégias terapêuticas. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo, com abordagem quantitativa, realizada nas bases de dados SciELO, LILACS e PubMed/MEDLINE, no período de janeiro a março de 2026. Foram incluídos artigos originais publicados entre 2021 e 2025, nos idiomas português e inglês. Após aplicação dos critérios de elegibilidade, oito estudos compuseram a amostra final. Os resultados evidenciaram que os anti-inflamatórios não esteroides e triptanos estão entre os medicamentos mais associados à cronificação da dor, especialmente em contextos de automedicação. Observou-se ainda associação com fatores emocionais, como ansiedade e estresse, além de impactos funcionais e econômicos significativos. Conclui-se que a prevenção da cefaleia por uso excessivo de analgésicos depende de estratégias de educação em saúde, acompanhamento multiprofissional e promoção do uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Cefaleia crônica. Analgésicos. Automedicação. Uso racional de medicamentos. Saúde pública.

ABSTRACT: Chronic headache due to analgesic overuse is characterized as a secondary and iatrogenic condition resulting from the frequent and prolonged consumption of pain-relief medications. It represents a relevant clinical and public health issue, as it significantly affects patients' quality of life, productivity, and psychosocial well-being. This study aimed to discuss the excessive use of analgesics associated with the development of chronic headache, identifying the main drugs involved, related factors, clinical impacts, and therapeutic strategies. This is an integrative literature review with a descriptive and quantitative approach, conducted in the SciELO, LILACS, and PubMed/MEDLINE databases between January and Mar 2026. Original articles published between 2021 and 2025 in Portuguese and English were included. After applying the eligibility criteria, eight studies composed the final sample. The findings showed that nonsteroidal anti-inflammatory drugs and triptans are among the medications most associated with pain chronification, especially in self-medication contexts. Emotional factors such as anxiety and stress were also identified, as well as significant functional and economic impacts. It is concluded that the prevention of medication overuse headache depends on health education strategies, multidisciplinary follow-up, and the promotion of rational drug use.

Keywords: Chronic headache. Analgesics. Self-medication. Rational drug use. Public health.

INTRODUÇÃO

A cefaleia, frequentemente referida como dor de cabeça, constitui uma das condições neurológicas mais prevalentes globalmente. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), trata-se de um grupo de distúrbios dolorosos recorrentes, incluindo enxaqueca, cefaleia tensional e cefaleia em salvas, que exercem impacto substancial na qualidade de vida dos indivíduos. Clinicamente, as cefaleias são classificadas em primárias, quando a dor representa a própria patologia, e secundárias, quando decorrem de outras condições médicas subjacentes (OMS, 2023).

O controle da dor constitui um dos principais objetivos da terapêutica moderna, visto que o alívio do desconforto físico é fundamental para a recuperação e o bem-estar do paciente. Diversas estratégias podem ser empregadas nesse contexto, sendo o tratamento farmacológico uma das mais utilizadas devido à sua eficácia e rapidez de ação. Entre os medicamentos destinados a esse propósito, destacam-se os analgésicos, que atuam sobre o sistema nervoso central e periférico modulando os sinais nociceptivos e reduzindo a percepção da dor (MSD, 2024).

Esses fármacos são classificados, de modo geral, em duas categorias principais: os analgésicos não opioides, como o paracetamol e os anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), indicados para o manejo de dores leves a moderadas e com baixo risco de dependência; e os analgésicos opioides, como a morfina, a codeína e o tramadol, empregados no tratamento de dores moderadas a intensas, com maior potência analgésica, embora associados a maiores riscos de efeitos adversos, tolerância e dependência (Santana, 2024).

O uso excessivo e prolongado de analgésicos tem se tornado um importante fator desencadeante de cefaleia crônica, especialmente entre indivíduos que sofrem de enxaqueca ou cefaleia tensional (Cordeiro, 2022). A automedicação e a falta de acompanhamento profissional adequado contribuem para a transformação de episódios agudos de dor em quadros contínuos e debilitantes. De acordo com a Classificação Internacional das Cefaleias (ICHD-3), essa condição é reconhecida como uma cefaleia secundária, com critérios diagnósticos bem definidos, embora ainda frequentemente subdiagnosticada na prática clínica (Reis *et al.*, 2023).

Sob a perspectiva fisiopatológica, considera-se que o uso excessivo de analgésicos modifique os mecanismos de controle da dor no sistema nervoso central,

induzindo um estado de sensibilização que mantém a cefaleia. O ciclo de dor e medicação, no qual o paciente busca alívio imediato com o fármaco, mas acaba agravando o quadro, perpetua a condição. Esse padrão é mais comum em indivíduos com enxaqueca, que já apresentam maior predisposição neurobiológica à dor (Zanella, 2023).

A prevalência da Cefaleia por uso excessivo de medicamentos (CEM) em serviços especializados é expressiva, alcançando até 80% dos casos de cefaleia crônica. A predominância em mulheres sugere influência de fatores hormonais e socioculturais, como maior sobrecarga de responsabilidades, níveis elevados de estresse e menor acesso a serviços especializados. Além do sofrimento físico, a CEM compromete a qualidade de vida, reduz a produtividade, impacta o bem-estar psicológico e gera altos custos para o sistema de saúde, devido ao consumo contínuo de medicamentos e à procura frequente por atendimento emergencial (Silva *et al.*, 2021).

O tratamento da CEM requer abordagem multidisciplinar, que deve incluir a educação do paciente, a retirada gradual dos analgésicos, a introdução de terapias preventivas e o acompanhamento psicológico. A suspensão abrupta da medicação pode provocar efeito rebote, intensificando a dor, o que reforça a necessidade de um plano terapêutico individualizado. Além disso, ações de saúde pública como campanhas educativas, protocolos clínicos e capacitação de profissionais são indispensáveis para reduzir a incidência da CEM e melhorar a assistência prestada (Santana *et al.*, 2025).

Considerando que o uso excessivo de analgésicos pode desencadear cefaleia crônica e comprometer de maneira significativa a qualidade de vida, este estudo justifica-se pela relevância científica e social em aprofundar o conhecimento acerca dessa condição e de seus fatores associados. Dessa forma, a presente pesquisa busca contribuir para o fortalecimento das práticas de uso racional de medicamentos, favorecendo uma compreensão mais ampla sobre os riscos do consumo inadequado e seus impactos sobre a saúde. Além disso, pretende-se oferecer subsídios que apoiem estratégias de prevenção, manejo adequado da dor e desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas e investigativas na área.

Diante do exposto, a elaboração dessa revisão da literatura, será conduzida com base no seguinte questionamento: como o uso excessivo de analgésicos impacta no desenvolvimento da cefaleia crônica?

Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre o uso excessivo de analgésicos relacionado ao desenvolvimento da cefaleia crônica. Apresentando os tipos de analgésicos mais frequentemente utilizados; Relacionando os principais fatores associados ao uso excessivo de analgésicos em pacientes com cefaleias primárias; Descrevendo os impactos clínicos, emocionais e sociais da cefaleia crônica por uso irracional de medicamentos e expondo as principais estratégias utilizadas para tratar a cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo, empregando-se uma abordagem quantitativa. A revisão da literatura consistiu em um tipo de estudo responsável por traçar um panorama aprofundado da produção científica acerca de um determinado tema, apresentando as principais abordagens e o corpus da teoria acumulada sobre a temática (Mariano; Santos, 2017).

A presente pesquisa foi realizada mediante a pergunta condutora: “Como o uso excessivo de analgésicos impactou no desenvolvimento da cefaleia crônica?”. Para melhor interpretação, foi utilizado o acrônimo de busca PICO (População: indivíduos com cefaleia crônica; Interesse: uso excessivo de analgésicos; Contexto: repercussões clínicas e desenvolvimento da cefaleia crônica).

A elaboração da revisão seguiu as seguintes etapas: 1ª elaboração da pergunta condutora; 2ª busca ou amostragem na literatura; 3ª coleta de dados; 4ª análise crítica dos estudos incluídos; 5ª discussão dos resultados; 6ª apresentação da revisão integrativa (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

O levantamento bibliográfico ocorreu no período de janeiro a março de 2026. A busca dos artigos foi realizada em periódicos indexados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e National Library of Medicine (PubMed/MEDLINE).

Para a seleção dos estudos, foram empregados os descritores nos idiomas português e inglês: “Cefaleia Crônica” [Headache Disorders], “Analgésicos” [Analgesics] e “Automedicação” [Drug Utilization], todos cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH). O operador booleano “AND” e “OR” foi empregado para o cruzamento dos descritores em múltiplas combinações.

As estratégias de pesquisa empregadas foram descritas a seguir no Quadro.

Quadro 1 – Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados.

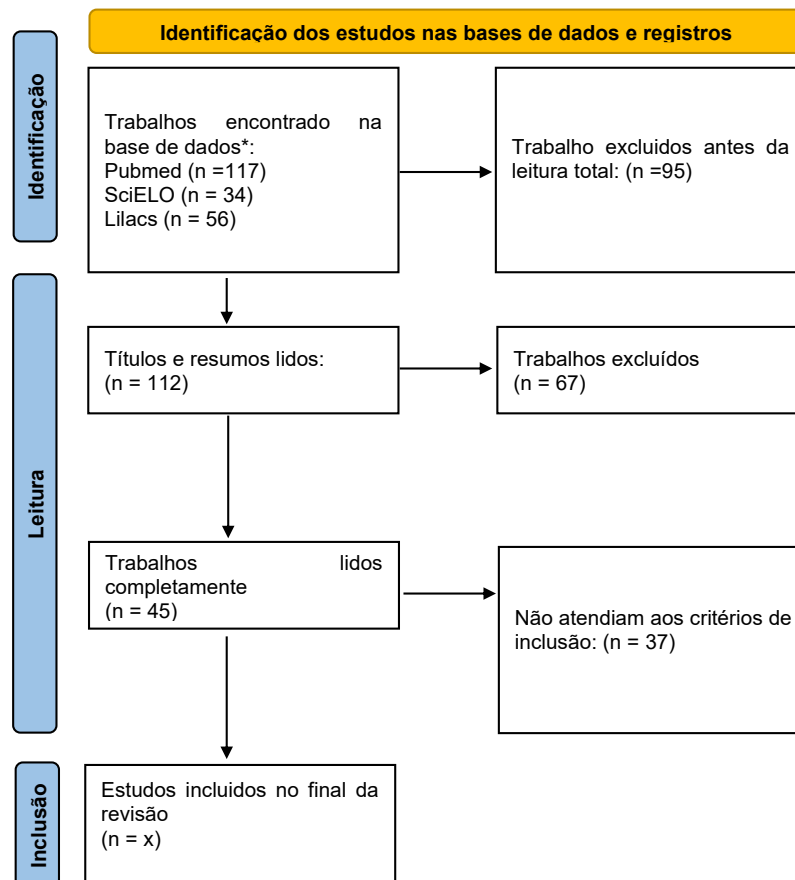
Base de Dados	Descritores e Estratégias de Busca
SciELO	("Cefaleia Crônica" OR "Headache Disorders") AND ("Analgésicos" OR "Analgesics") AND ("Automedicação" OR "Drug Utilization")
LILACS	("Cefaleia Crônica" AND "Analgésicos") OR ("Automedicação" AND "Cefaleia Crônica")
PubMed/MEDLINE	("Headache Disorders" AND "Analgesics") OR ("Drug Utilization" AND "Chronic Headache")

Fonte: dados da pesquisa (2025).

A seleção dos artigos seguiu critérios de elegibilidade previamente definidos. Foram incluídos artigos originais completos, disponíveis gratuitamente, publicados em português ou inglês no período de 2021 a 2025. Foram excluídos estudos secundários, como revisões de literatura, monografias, dissertações e teses.

O processo de seleção seguiu o modelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Inicialmente, foi realizada a identificação dos artigos nas bases de dados, seguida da triagem por meio da leitura dos títulos e resumos para exclusão dos estudos não pertinentes. Em seguida, os artigos potencialmente elegíveis foram lidos na íntegra, e aqueles que atenderam aos critérios previamente estabelecidos foram incluídos na revisão, conforme demonstrado no Fluxograma da Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma de identificação, análise e seleção dos artigos segundo o modelo PRISMA.



Fonte: dados da pesquisa (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca sistemática identificou 207 artigos nas bases SciELO, LILACS e PubMed/MEDLINE. Após remoção de duplicatas e triagem por títulos e resumos, 112 estudos foram selecionados para leitura parcial. Desses, 45 artigos foram avaliados na íntegra e, ao final da aplicação dos critérios de elegibilidade, 8 estudos originais publicados entre 2021 e 2025 foram incluídos na síntese integrativa (SciELO = 1; LILACS = 2; PubMed/MEDLINE = 5).

Tabela 1 – Síntese dos achados dos estudos incluídos (2021–2025)

COD	Autor/Ano	Título	Objetivo	Achados
A1	Alshareef, 2025	<i>The burden of analgesics overprescription for chronic headache:</i>	Analisar o impacto da prescrição excessiva de analgésicos em	Evidenciou aumento de incapacidade, prejuízo à qualidade de vida e elevação de custos diretos e indiretos, destacando a

COD	Autor/Ano	Título	Objetivo	Achados
		<i>impacts on patients, healthcare system and countries</i>	pacientes com cefaleia crônica e seus reflexos nos sistemas de saúde.	necessidade de estratégias de uso racional de medicamentos.
A2	Carvalho Schueler, 2025	<i>Cefaleia por uso excessivo de medicamentos</i>	Discutir os aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos da cefaleia por uso excessivo de medicamentos.	Reforçou os critérios diagnósticos da CEM, os principais fármacos envolvidos (AINEs e triptanos) e a importância da desintoxicação associada à profilaxia.
A3	Chagas, 2021	<i>Conhecimento e uso das práticas integrativas e complementares no tratamento da dor</i>	Avaliar o conhecimento e a utilização das práticas integrativas no manejo da dor.	Demonstrou que práticas como acupuntura são reconhecidas como estratégias complementares eficazes na redução da dor, com baixo risco iatrogênico.
A4	Krymchantowski, 2025	<i>Medication overuse headache: a pragmatic 5-year, real-world study</i>	Avaliar desfechos clínicos em pacientes com cefaleia por uso excessivo de medicamentos em seguimento de cinco anos.	Observou taxas significativas de remissão com desintoxicação e profilaxia, destacando a importância do acompanhamento prolongado.
A5	Krymchantowski, 2024	<i>One-year and five-year outcomes in medication overuse headache: a real-world study</i>	Investigar os resultados clínicos em um e cinco anos após intervenção terapêutica em CEM.	Identificou melhora sustentada em parte dos pacientes tratados, com redução da frequência das crises após manejo adequado.
A6	Lopes, 2022	<i>Acupuntura e cefaleia: uma revisão integrativa acerca dos caminhos para alívio da dor e melhoria da qualidade de vida</i>	Analisar evidências sobre o uso da acupuntura no tratamento da cefaleia.	Evidenciou redução da intensidade e frequência das crises, além de melhora na qualidade de vida.

COD	Autor/Ano	Título	Objetivo	Achados
A7	Nascimento Reis, 2023	<i>Cefaleia por uso excessivo de analgésicos em estudantes de medicina de uma universidade privada</i>	Investigar a prevalência de cefaleia por uso excessivo de analgésicos em estudantes de medicina.	Identificou presença significativa de automedicação e associação com cefaleia crônica, especialmente em contexto de estresse acadêmico.

Fonte: Os autores, 2025.

Segundo Krymchantowski (2025), a cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos deve ser compreendida como uma condição multifatorial e progressiva, na qual fatores neurobiológicos se associam a componentes comportamentais e emocionais. A exposição repetitiva a analgésicos promove alterações nos mecanismos centrais de modulação da dor, favorecendo a sensibilização neural e a perpetuação das crises. Além disso, a dificuldade de reconhecimento precoce do quadro contribui para a manutenção do ciclo de dor e consumo medicamentoso, especialmente em indivíduos com histórico prévio de cefaleias primárias. Nessa mesma perspectiva, Alshareef et al. (2025) destacam que o uso recorrente de analgésicos está diretamente relacionado às alterações fisiopatológicas responsáveis pela cronificação das crises.

De acordo com Carvalho Schueler (2025), a prevalência da cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos pode estar subestimada, principalmente em contextos de atenção primária à saúde, onde a automedicação é frequente e muitas vezes não relatada durante as consultas. A ampla disponibilidade de anti-inflamatórios não esteroides e outros analgésicos, associada à cultura de medicalização rápida da dor, favorece o uso recorrente dessas substâncias sem acompanhamento profissional adequado. Corroborando essa análise, Krymchantowski (2024) ressalta que a automedicação e o fácil acesso aos analgésicos contribuem significativamente para a manutenção do ciclo de uso excessivo de medicamentos.

Segundo Alshareef et al. (2025), a maior vulnerabilidade feminina observada nos estudos sugere que fatores hormonais e sociais desempenham papel relevante na cronificação da cefaleia. As flutuações hormonais, associadas às múltiplas jornadas de trabalho e à maior exposição ao estresse, podem intensificar a frequência das crises e estimular a busca por alívio imediato por meio de analgésicos. Além disso, condições como ansiedade e sintomas depressivos atuam como fatores perpetuadores do consumo

excessivo de medicamentos. De forma semelhante, Nascimento Reis et al. (2023) destacam que esses fatores reforçam o caráter biopsicossocial da condição e ampliam a complexidade do manejo clínico.

Conforme discutido por Alshareef et al. (2025), a cefaleia crônica por uso excessivo de medicamentos apresenta impactos que ultrapassam o âmbito clínico, afetando significativamente a funcionalidade e a qualidade de vida dos indivíduos acometidos. A condição está associada à redução da produtividade, afastamentos laborais e prejuízos nas relações interpessoais, configurando-se como um relevante problema de saúde pública. Em linha com esses achados, Nascimento Reis et al. (2023) ressaltam que os custos diretos relacionados ao tratamento e os custos indiretos decorrentes da perda de produtividade evidenciam a magnitude socioeconômica dessa condição.

Segundo Krymchantowski (2024), a desintoxicação medicamentosa planejada permanece como a principal estratégia terapêutica para o manejo da cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos. Essa abordagem geralmente é associada à introdução de terapias profiláticas, com o objetivo de reduzir a recorrência das crises e prevenir recaídas. Além disso, o acompanhamento contínuo e a orientação adequada ao paciente são fundamentais para o sucesso do tratamento, sobretudo durante o período inicial de retirada dos medicamentos. De modo complementar, Krymchantowski (2025) também destaca que uma abordagem estruturada e supervisionada pode promover melhora significativa dos sintomas em parte dos pacientes.

De acordo com Lopes et al. (2022), a incorporação de práticas integrativas e complementares amplia as possibilidades terapêuticas no manejo da dor crônica, oferecendo alternativas com menor risco iatrogênico. Intervenções como acupuntura e liberação miofascial apresentam potencial para reduzir a intensidade da dor e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Reforçando essa evidência, Silva et al. (2021) apontam que tais estratégias podem atuar como intervenções adjuvantes no processo de desintoxicação medicamentosa e na prevenção de recaídas.

Segundo Carvalho Schueler (2025), a atuação do farmacêutico clínico desempenha papel estratégico na prevenção do uso excessivo de analgésicos, especialmente por meio da identificação precoce de padrões de consumo inadequado e da orientação quanto aos riscos da automedicação. O acompanhamento

farmacoterapêutico e as ações educativas também contribuem para fortalecer o uso racional de medicamentos. Nessa mesma direção, Alshareef et al. (2025) ressaltam que a implementação de protocolos de farmacovigilância e estratégias educativas comunitárias pode ampliar a segurança terapêutica e reduzir a incidência de novos casos.

Conforme apontado por Silva et al. (2021), apesar dos avanços na compreensão da cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos, ainda existem limitações importantes na literatura científica, como a predominância de estudos observacionais e a escassez de ensaios clínicos randomizados. Essas limitações dificultam a consolidação de evidências mais robustas para a prática clínica. De forma convergente, Chagas et al. (2021) destacam a necessidade de pesquisas com maior rigor metodológico, especialmente em contextos nacionais.

Por fim, segundo Krymchantowski (2025), a cefaleia crônica por uso excessivo de analgésicos configura-se como uma condição potencialmente evitável, embora ainda frequentemente negligenciada nos serviços de saúde. A prevenção depende da integração entre educação em saúde, acompanhamento multiprofissional e fortalecimento de políticas públicas voltadas ao uso racional de medicamentos. De maneira convergente, Nascimento Reis et al. (2023) ressaltam que a adoção de estratégias combinadas, envolvendo desintoxicação medicamentosa, profilaxia e intervenções complementares, pode contribuir para reduzir a cronificação da dor e melhorar os desfechos clínicos e psicossociais dos pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cefaleia crônica decorrente do uso abusivo de analgésicos caracteriza-se como uma condição iatrogênica de grande impacto, mas passível de prevenção. Esse quadro emerge principalmente da utilização prolongada e em alta frequência de fármacos analgésicos, muitas vezes em situações de automedicação. As análises disponíveis evidenciam que o consumo repetitivo de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) e triptanos em pacientes com cefaleias primárias desempenha papel central na perpetuação da dor, resultando em prejuízos expressivos para a qualidade de vida, a produtividade e os custos em saúde.

Conclui-se que a prevenção da cefaleia por uso excessivo de analgésicos depende de ações educativas consistentes, acompanhamento profissional qualificado e fortalecimento de políticas públicas voltadas ao uso racional de fármacos. Recomenda-se que futuras pesquisas sejam conduzidas com metodologias mais robustas, capazes de gerar evidências sólidas para subsidiar protocolos clínicos eficazes e estratégias preventivas aplicáveis tanto na atenção primária quanto nos serviços especializados.

Referências

- ALSHAREEF, M. H. et al. The burden of analgesics overprescription for chronic headache: impacts on patients, healthcare system and countries. *Chronic Headache Journal*, 2025.
- CARVALHO SCHUELER, P. R. de C. Cefaleia por uso excessivo de medicamentos. *Journal of Medical and Biological Research*, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2025.
- CHAGAS, K. E. et al. Conhecimento e uso das práticas integrativas e complementares no tratamento da dor. *Brazilian Journal of Pain*, v. 4, n. 1, p. 52-60, 2021.
- CORDEIRO, ALEXANDRE COSTA DA SILVA. **Análise Ponderativa Do Impacto Do Uso De Fármacos Opioides Em Pacientes Com Dor Crônica Decorrente De Patologias Em Fase Terminal**. 2022.
- KRYMCHANTOWSKI, A. V. Medication overuse headache: a pragmatic 5-year, real-world study. *Headache Medicine*, v. 16, n. 2, p. 45-54, 2025.
- KRYMCHANTOWSKI, A. V. One-year and five-year outcomes in medication overuse headache: a real-world study. *Cureus*, 2024.
- LOPES, F. R. et al. Acupuntura e cefaleia: uma revisão integrativa acerca dos caminhos para alívio da dor e melhoria da qualidade de vida. *Revista FT*, 2022.
- MARIANO, A. R. S.; SANTOS, L. R. **A revisão de literatura: fundamentos teóricos e aplicação nas pesquisas acadêmicas**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 2, n. 5, p. 1–15, 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- MOHER, D. et al. **Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement**. *PLoS Medicine*, v. 6, n. 7, p. e1000097, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- MSD MANUALS. **Tratamento da dor – Manuais MSD edição para profissionais**. Kenilworth: Merck Sharp & Dohme, 2024. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/dist%C3%BARbios-neurol%C3%B3gicos/dor/tratamento-da-dor>. Acesso em: 09 out. 2025.
- NASCIMENTO REIS, A. L. et al. Cefaleia por uso excessivo de analgésicos em estudantes de medicina de uma universidade privada. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 5, e3012541472, 2023.
- REIS, Anna Lídia et al. Cefaleia por uso excessivo de analgésicos em estudantes de medicina de uma universidade privada. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 5, p. e3012541472-e3012541472, 2023.
- SANTANA, Joanna Sousa da Fonseca. **Perfil epidemiológico e gastos públicos das internações hospitalares por enxaqueca no Brasil**. 2024.
- SILVA, Ísis Maia et al. **Classes de medicamentos reconhecidas pelos discentes de medicina como associadas à cefaleia por uso excessivo de medicamentos**. 2021.
- SILVA, M. G. et al. Eficácia da liberação miofascial em cefaleia tensional: revisão integrativa. *Brazilian Journal of Pain*, v. 4, n. 4, p. 304-312, 2021.
- SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em: 6 nov. 2025.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Migraine and other headache disorders**. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/headache-disorders>. Acesso em: 09 out. 2025.
- ZANELLA, Laisa. **Bloqueios occipitais com lidocaína no tratamento de transição da cefaleia por uso excessivo de medicamentos: experiência do ambulatório de cefaleia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre**. 2023.

O USO DO CANABIDIOL NO TRATAMENTO DA DOR CRÔNICA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

¹João Alves De Freitas Filho, ²Yarley Dos Santos Andrade, ³Antônio Cezario De Freitas Neto, ⁴Jordana Inácio De Magalhães, ¹Danielly Mendes Lins, ¹Lara Kauanny Da C. Rolim Lopes, ⁵Mariana Virgínia De Sá Queiroga, ²Andressa Almeida Fernandes, ⁶Carla Islene Holanda Moreira.

¹ Graduando em Farmácia. Unifsm, Cajazeiras Pb, Brasil.

² Graduando em Farmácia. Unifsm, Sousa-PB, Brasil.

³ Graduando em farmácia. Unifsm, Crato Ce, Brasil.

⁴ Graduando em Farmácia. Unifsm, Santana de Mangueira-PB, Brasil.

⁵ Graduando em Farmácia. Unifsm, São Francisco - PB, Brasil.

⁶ Especialista em Saúde Mental e Docência do Ensino Superior. Unifsm, Cajazeiras - PB, Brasil.

RESUMO: A dor crônica constitui um importante problema de saúde pública, por comprometer a qualidade de vida, a funcionalidade e o bem-estar biopsicossocial dos indivíduos acometidos. Diante das limitações dos tratamentos convencionais, especialmente do uso prolongado de analgésicos e opioides, o canabidiol (CBD) tem ganhado destaque como alternativa terapêutica no manejo dessa condição. O presente estudo teve como objetivo analisar os impactos do uso do canabidiol no tratamento da dor crônica, considerando seus efeitos sobre a intensidade da dor, a qualidade de vida e sua aplicabilidade terapêutica. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, realizada a partir de buscas nas bases SciELO, LILACS e MEDLINE, por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados os descritores "Dor Crônica", "Canabidiol" e "Cannabis Medicinal", combinados pelo operador booleano AND. Foram incluídos artigos completos, publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas português e inglês, e excluídos estudos duplicados, teses, dissertações, monografias, revisões da literatura e publicações que não respondiam à questão norteadora. Os resultados evidenciaram que o canabidiol apresenta potencial analgésico e anti-inflamatório, atuando por meio do sistema endocanabinoide, especialmente na modulação da dor e de processos inflamatórios. Além disso, observou-se associação entre o uso do CBD e a melhora da qualidade do sono, do bem-estar e da qualidade de vida dos pacientes com dor crônica. Conclui-se que o canabidiol representa uma alternativa terapêutica relevante no manejo da dor crônica, embora ainda sejam necessários estudos clínicos mais robustos para ampliar as evidências acerca de sua eficácia, segurança e padronização terapêutica.

Palavras-chave: Canabidiol. Dor crônica. Cannabis medicinal. Terapêutica. Manejo da dor.

ABSTRACT: Chronic pain is an important public health problem, as it compromises the quality of life, functionality, and biopsychosocial well-being of affected individuals. Given the limitations of conventional treatments, especially the prolonged use of analgesics and opioids, cannabidiol (CBD) has gained prominence as a therapeutic alternative in the management of this condition. This study aimed to analyze the impacts of cannabidiol use in the treatment of chronic pain, considering its effects on pain intensity, quality of life, and therapeutic applicability. This is an integrative literature review, with a qualitative approach and bibliographic nature, carried out through searches in the SciELO, LILACS, and MEDLINE databases, via the Virtual Health Library (BVS). The descriptors "Chronic Pain", "Cannabidiol", and "Medicinal Cannabis" were used, combined with the Boolean operator AND. Full-text articles published between 2020 and 2025, in Portuguese and English, were included, while duplicate studies, theses, dissertations, monographs, literature reviews, and publications not aligned with the guiding question were excluded. The results showed that cannabidiol has analgesic and anti-inflammatory potential, acting through the endocannabinoid system, especially in the modulation of pain and inflammatory processes. In addition, an association was observed between CBD use and improvements in sleep quality, well-being, and quality of life in patients with chronic pain. It is concluded that cannabidiol represents a relevant therapeutic alternative in the management of chronic pain, although more robust clinical studies are still needed to expand the evidence regarding its efficacy, safety, and therapeutic standardization.

Keywords: Cannabidiol. Chronic pain. Medicinal cannabis. Therapeutics. Pain management.

INTRODUÇÃO

A dor crônica configura-se como uma condição debilitante que acomete milhões de pessoas em todo o mundo, sendo caracterizada pela sua permanência por um período prolongado, geralmente superior a três meses. Sua ocorrência pode estar relacionada a lesões anteriores, enfermidades crônicas, alterações neurológicas ou outras condições clínicas. Trata-se de uma experiência sensorial e emocional desagradável, decorrente de um dano tecidual real ou potencial, que pode ou não estar presente de forma física no organismo (Matias et al., 2022).

A compreensão dessa condição envolve não apenas sua definição, mas também a análise de sua prevalência, de seus impactos na qualidade de vida e dos desafios envolvidos em seu tratamento. Além do sofrimento físico, a dor crônica pode interferir significativamente na realização das atividades cotidianas, prejudicar o sono e favorecer o surgimento de problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e isolamento social (Aguiar et al., 2021).

Nesse contexto, destaca-se sua elevada prevalência em nível global. Estima-se que aproximadamente 20% da população mundial conviva com essa condição, o que a torna um desafio constante para a prática clínica. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 30% dos adultos apresentam dor crônica, evidenciando a necessidade de avanços terapêuticos e da implementação de políticas públicas que ampliem o acesso a estratégias de tratamento eficazes. No Brasil, aproximadamente 45,59% da população é afetada, reforçando a importância do tema no âmbito da saúde pública (Machado; Assis; Rodrigues, 2022).

Dessa forma, observa-se que sua alta ocorrência transforma a dor crônica em um relevante problema de saúde pública, impactando não apenas os indivíduos acometidos, mas também suas famílias, o sistema de saúde e a economia. Entre os principais desdobramentos dessa condição destacam-se o aumento das taxas de absenteísmo, aposentadorias precoces e perda de postos de trabalho. Além disso, há uma sobrecarga significativa nos serviços de saúde, resultante da maior procura por atendimentos médicos e dos elevados custos relacionados aos tratamentos (Alves; Alencar; Mazzetti, 2024).

Tradicionalmente, o tratamento da dor crônica na medicina convencional baseia-se, em grande parte, na utilização de medicamentos analgésicos, especialmente os

opioides. Contudo, o uso prolongado desses fármacos pode ocasionar diversas complicações, como o desenvolvimento de tolerância, a ocorrência de síndrome de abstinência e a possibilidade de dependência. Diante desses riscos, torna-se essencial considerar abordagens terapêuticas complementares que contribuam para um manejo mais seguro e eficaz da dor (Brandão et al., 2024).

Nesse cenário, destaca-se o uso de plantas com propriedades medicinais, uma prática milenar que teve origem na observação da natureza e do comportamento dos animais ao consumir determinadas espécies vegetais. Entre essas plantas, a Cannabis, conhecida popularmente como cânhamo ou maconha, apresenta diversas substâncias em sua composição. Dentre elas, destacam-se o Delta-9-Tetrahydrocannabinol (Δ 9-THC) e o Canabidiol (CBD), compostos que vêm sendo amplamente investigados quanto ao seu potencial terapêutico no tratamento de diferentes patologias (Pannuzio; Fernandes, 2024).

Os canabinoides, associados ao sistema endocanabinoide, têm recebido atenção crescente devido ao seu papel na modulação da dor crônica. Essas substâncias químicas atuam interagindo com receptores específicos do organismo, principalmente os receptores canabinoides CB1 e CB2, que compõem o sistema endocanabinoide. Esse sistema desempenha funções importantes na regulação de processos fisiológicos como dor, inflamação, humor, apetite e memória. Nesse sentido, estudos têm demonstrado a capacidade desses compostos, derivados da Cannabis, de modular respostas inflamatórias (Guimarães et al., 2024).

Historicamente, o cultivo e o consumo da Cannabis foram proibidos em 1937 em decorrência de seus efeitos alucinógenos. Entretanto, nas últimas décadas, discussões sobre sua legalização para fins medicinais e para uso recreativo têm ganhado destaque em diferentes países. Como resultado, diversas legislações e regulamentações passaram por processos de flexibilização, impulsionando também o desenvolvimento de um novo mercado voltado à produção e comercialização de produtos derivados da cannabis (Alves; Alencar; Mazzetti, 2024).

No Brasil, um marco importante ocorreu em 2014, quando o Conselho Federal de Medicina autorizou, por meio da Resolução nº 2.113/2014, o uso compassivo do Canabidiol (CBD) para o tratamento de epilepsia em crianças e adolescentes que não respondiam às terapias convencionais. Posteriormente, em 2017, a Agência Nacional de

Vigilância Sanitária (ANVISA) publicou a Resolução nº 156, de 5 de maio de 2017, permitindo a inclusão da cannabis como possível componente para o registro de medicamentos, abrindo caminho para avanços regulatórios relacionados ao uso da planta com finalidade medicinal (ANVISA, 2017).

Nesse contexto, investigar o uso do CBD no tratamento da dor crônica mostra-se relevante por apresentar uma alternativa considerada mais segura e natural para o alívio da dor, além de reduzir os riscos associados aos medicamentos tradicionalmente utilizados. No entanto, é imprescindível que profissionais da área da saúde estejam devidamente atualizados quanto às regulamentações vigentes e às evidências científicas disponíveis antes de incluir o CBD como parte do tratamento.

Assim, este estudo justifica-se pela contribuição que o uso do canabidiol pode oferecer ao manejo da dor crônica, especialmente ao possibilitar uma abordagem terapêutica complementar e individualizada, favorecendo a melhoria da qualidade de vida dos pacientes. Além disso, destaca-se que o CBD apresenta potenciais efeitos ansiolíticos e antidepressivos leves, podendo beneficiar indivíduos cuja dor crônica esteja associada a quadros de ansiedade ou depressão. Dessa maneira, reforça-se a importância de ampliar as investigações acerca dessa planta e de seus possíveis benefícios terapêuticos.

Diante desse cenário, formulou-se a seguinte questão norteadora: quais são os impactos do uso do canabidiol no tratamento da dor crônica?

METODOLOGIA

O presente estudo adotou uma abordagem qualitativa, considerada adequada para investigações que buscam compreender fenômenos complexos no campo da saúde, especialmente aqueles relacionados a interpretações, significados e produções científicas sobre determinado tema. Esse tipo de abordagem permite analisar diferentes perspectivas presentes na literatura, possibilitando uma compreensão mais ampla do objeto de estudo (Minayo, 2013).

Quanto à natureza, a pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico, fundamentado na análise de produções científicas previamente publicadas. Esse tipo de investigação possibilita reunir, examinar e sistematizar conhecimentos já disponíveis na literatura sobre uma temática específica. Conforme Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é

desenvolvida a partir de materiais já divulgados, exigindo a consulta a autores e estudos reconhecidos no campo científico relacionado ao objeto investigado.

Como método de investigação foi utilizada a revisão integrativa da literatura, considerada uma das estratégias mais abrangentes para a síntese do conhecimento científico. Essa abordagem permite reunir, analisar e interpretar resultados de pesquisas anteriores, contribuindo para a consolidação de evidências disponíveis sobre determinado tema. Além disso, possibilita uma compreensão mais ampla dos conceitos, resultados e lacunas existentes na produção científica, favorecendo tanto o avanço do conhecimento acadêmico quanto a aplicação dos achados na prática em saúde (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

A realização da revisão integrativa seguiu etapas metodológicas previamente estabelecidas, que incluíram: formulação da questão norteadora da pesquisa; definição dos descritores e dos critérios de inclusão e exclusão; busca dos estudos nas bases de dados selecionadas; leitura e seleção dos artigos; extração das informações relevantes; avaliação crítica dos estudos; categorização e análise dos dados; e apresentação dos resultados por meio de síntese descritiva.

A definição da questão norteadora representou uma etapa essencial do estudo, uma vez que direcionou todo o processo de busca e seleção das produções científicas. Assim, estabeleceu-se como pergunta central da pesquisa: Quais são os impactos do uso do canabidiol no tratamento da dor crônica?

A coleta de dados foi realizada por dois pesquisadores, por meio de buscas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando como fontes científicas as bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE).

Para a estratégia de busca foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Dor Crônica”, “Canabidiol” e “Cannabis Medicinal”, combinados entre si por meio do operador booleano AND, com o objetivo de ampliar a precisão e a relevância dos resultados encontrados nas bases de dados consultadas.

A coleta das produções científicas ocorreu no período de agosto a setembro de 2025. Foram incluídos na pesquisa artigos disponíveis na íntegra, publicados entre os

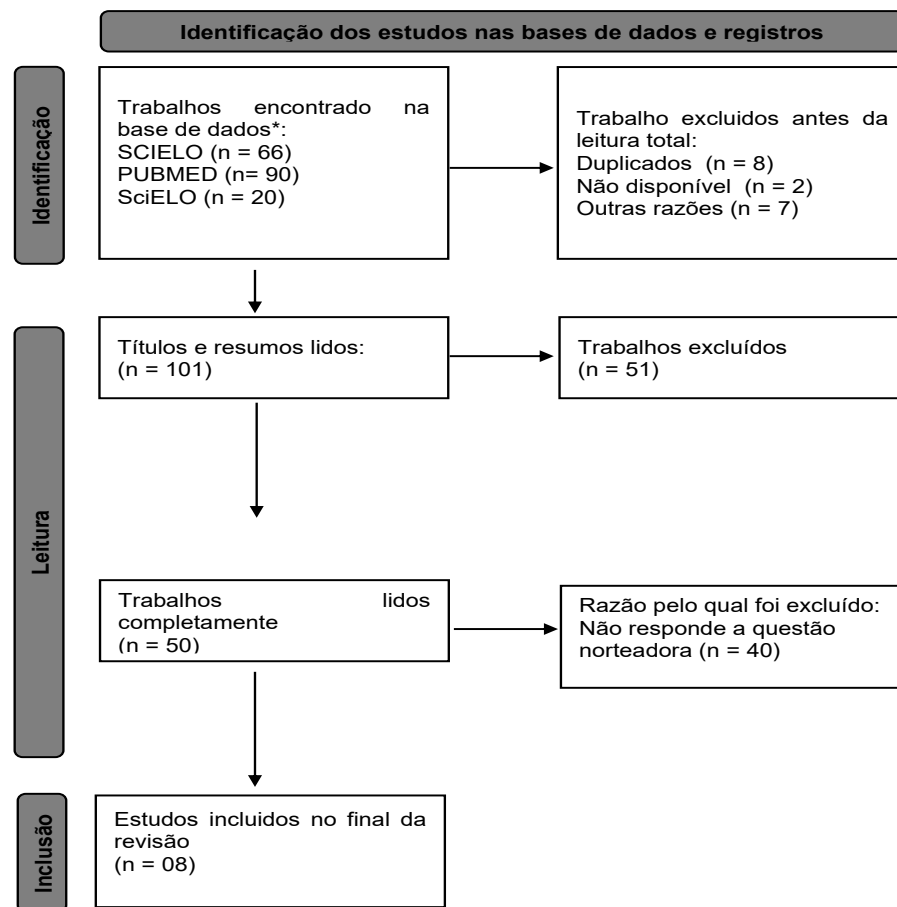
anos de 2020 e 2025, nos idiomas português ou inglês, que abordassem diretamente o uso do canabidiol ou de derivados da cannabis no manejo da dor crônica.

Foram excluídos da amostra estudos duplicados, relatos de experiência, revisões da literatura, teses, dissertações, monografias, resumos de eventos científicos e documentos que não apresentassem relação direta com a temática investigada ou que não estivessem alinhados à questão norteadora da pesquisa.

Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, os artigos selecionados foram submetidos à leitura na íntegra para extração das informações mais relevantes. Posteriormente, os dados obtidos foram organizados em quadros e tabelas, com o objetivo de facilitar a análise qualitativa e descritiva dos achados identificados nos estudos incluídos.

Por fim, os estudos que compuseram a amostra final foram classificados de acordo com os níveis de evidência científica, conforme proposto por Souza, Silva e Carvalho (2010), incluindo: estudos experimentais individuais, pesquisas quase-experimentais, estudos descritivos ou qualitativos não experimentais e relatos de caso ou experiência, sendo a seleção final dos artigos apresentada por meio de fluxograma ilustrativo.

Fluxograma 01- Fluxograma de seleção dos estudos que compuseram a revisão integrativa.



Fonte: os autores, 2026.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender de forma organizada as evidências científicas acerca do uso do canabidiol no tratamento da dor crônica, realizou-se uma análise das principais produções acadêmicas disponíveis na literatura. Essa etapa permitiu identificar estudos que abordam os efeitos terapêuticos do canabidiol e de outros compostos derivados da *Cannabis sativa* no manejo de diferentes condições associadas à dor persistente.

Nesse contexto, o Quadro 1 apresenta a síntese dos estudos selecionados, reunindo informações referentes à identificação das pesquisas, autoria e ano de publicação, título, objetivo e principais resultados encontrados. Essa organização possibilita uma visualização mais clara das contribuições científicas sobre o uso do canabidiol no tratamento da dor crônica, facilitando a análise e a compreensão dos achados presentes na literatura.

Quadro 1 – Estudos sobre o uso do canabidiol no tratamento da dor crônica.

Autor/Ano	Título do estudo	Objetivo do estudo	Tipo de estudo	Principais resultados
Lopes Júnior et al., 2023	Uso de cannabis e seus derivados no manejo da dor crônica	Analisar o uso da cannabis e de seus derivados no manejo da dor crônica.	Revisão sistemática	Os resultados indicaram que os canabinoides apresentam potencial analgésico significativo, atuando na modulação da dor e da inflamação por meio do sistema endocanabinoide.
Bezerra et al., 2024	O uso do canabidiol no tratamento da dor crônica e outras condições clínicas	Avaliar as evidências científicas sobre o uso do canabidiol no tratamento de dor crônica e outras condições clínicas.	Revisão de literatura	O estudo apontou que o CBD apresenta propriedades analgésicas e anti-inflamatórias, podendo contribuir para a redução da intensidade da dor e melhora da qualidade de vida dos pacientes.
Assing et al., 2024	Cannabis medicinal na gestão da dor crônica	Investigar o papel da cannabis medicinal no tratamento da dor crônica.	Revisão da literatura	Foi observado que compostos como THC e CBD atuam na modulação da dor através do sistema endocanabinoide, podendo reduzir sintomas dolorosos e melhorar o bem-estar dos pacientes.
Alves et al., 2024	Uso de compostos canabinoides no tratamento de dores crônicas	Identificar os efeitos dos compostos canabinoides no tratamento de diferentes tipos de dor crônica.	Revisão científica	Os resultados demonstraram eficácia dos canabinoides em condições como fibromialgia, dor neuropática e artrite, além de melhorias na qualidade do sono.
Albuquerque et al., 2025	Efeitos terapêuticos da cannabis medicinal na dor crônica	Analisar o potencial terapêutico da cannabis medicinal no controle da dor crônica.	Revisão integrativa	O estudo evidenciou que o CBD pode representar uma alternativa terapêutica promissora, principalmente em casos nos quais tratamentos convencionais não apresentam resultados satisfatórios.
Longo et al., 2021	Cannabinoids for Chronic Pain: A Rapid Systematic Review	Avaliar a eficácia dos canabinoides no tratamento da dor crônica em diferentes populações.	Revisão sistemática	Os resultados mostraram evidências moderadas de que os canabinoides podem reduzir a intensidade da dor crônica em diversos contextos clínicos.
Silva et al., 2023	Effectiveness of Cannabidiol to Manage Chronic Pain	Investigar a efetividade do canabidiol no manejo da dor crônica em estudos clínicos.	Revisão de estudos clínicos	A maioria dos estudos analisados apresentou redução significativa da dor crônica em pacientes tratados com CBD isolado ou associado a outros canabinoides.
Johnson et al., 2024	Cannabidiol (CBD): A Systematic Review of Clinical and	Avaliar evidências clínicas e pré-clínicas sobre o uso do CBD para dor crônica.	Revisão sistemática	Os resultados indicaram que o CBD possui propriedades analgésicas relevantes, especialmente em casos de dor neuropática e inflamatória.

Autor/Ano	Título do estudo	Objetivo do estudo	Tipo de estudo	Principais resultados
	Preclinical Studies			

Fonte: os autores, 2026.

Lopes Júnior et al. (2023) destacam que o uso de derivados da *Cannabis sativa* apresenta potencial relevante no manejo da dor crônica, principalmente por meio da atuação dos canabinoides no sistema endocanabinoide, o qual participa da modulação da dor e de processos inflamatórios. Corroborando essa perspectiva, Bezerra et al. (2024) ressaltam que o canabidiol (CBD) possui propriedades analgésicas e anti-inflamatórias capazes de contribuir para a redução da intensidade da dor, além de favorecer melhorias na qualidade de vida de indivíduos acometidos por condições dolorosas persistentes.

No mesmo sentido, Assing et al. (2024) evidenciam que a cannabis medicinal tem sido investigada como alternativa terapêutica no tratamento da dor crônica, destacando a interação dos compostos canabinoides com receptores específicos do sistema nervoso responsáveis pela modulação da dor. De forma semelhante, Alves et al. (2024) apontam que os canabinoides podem apresentar eficácia no controle de diferentes tipos de dor crônica, incluindo dor neuropática, fibromialgia e condições inflamatórias, contribuindo ainda para melhorias na qualidade do sono e no bem-estar dos pacientes.

Albuquerque et al. (2025) enfatizam que o uso terapêutico da cannabis medicinal vem ganhando espaço nas pesquisas científicas devido ao seu potencial analgésico e à possibilidade de representar uma alternativa para indivíduos que não apresentam resposta satisfatória aos tratamentos convencionais. Em consonância com essa perspectiva, Longo et al. (2021) observaram, por meio de uma revisão sistemática, evidências moderadas de que os canabinoides podem promover redução da intensidade da dor crônica em diferentes contextos clínicos, reforçando a relevância dessa abordagem terapêutica.

Ao analisar especificamente os efeitos do canabidiol no controle da dor crônica, Silva et al. (2023) verificaram que diversos estudos clínicos apontam redução significativa da dor em pacientes tratados com CBD isolado ou associado a outros compostos canabinoides. De maneira semelhante, Johnson et al. (2024) identificaram, em sua revisão sistemática, que o canabidiol apresenta propriedades analgésicas

importantes, especialmente em casos de dor neuropática e inflamatória, destacando seu potencial terapêutico no manejo de condições dolorosas persistentes.

Lopes Júnior et al. (2023) também destacam que a atuação dos canabinoides ocorre por meio da interação com receptores CB1 e CB2, responsáveis por regular processos fisiológicos relacionados à dor e à inflamação. De forma complementar, Assing et al. (2024) afirmam que essa interação com o sistema endocanabinoide contribui para a modulação da percepção da dor, o que explica o crescente interesse científico no uso da cannabis medicinal como alternativa terapêutica para pacientes com dor crônica.

Sob outra perspectiva, Bezerra et al. (2024) ressaltam que o uso do canabidiol pode representar uma estratégia complementar no manejo da dor crônica, especialmente quando associado a outras abordagens terapêuticas. De maneira semelhante, Alves et al. (2024) destacam que a utilização de compostos canabinoides pode contribuir para a redução da necessidade de medicamentos analgésicos convencionais, como os opioides, cujos efeitos adversos e riscos de dependência têm sido amplamente discutidos na literatura.

Nesse contexto, Albuquerque et al. (2025) argumentam que o uso medicinal da cannabis tem despertado crescente interesse na área da saúde, sobretudo pela possibilidade de oferecer novas alternativas terapêuticas para pacientes com dor crônica refratária. Em consonância, Silva et al. (2023) apontam que o canabidiol apresenta perfil de segurança favorável quando comparado a outros medicamentos utilizados no tratamento da dor, o que reforça sua relevância como opção terapêutica em estudos clínicos recentes.

Por fim, Longo et al. (2021) destacam que, embora existam evidências promissoras sobre a eficácia dos canabinoides no tratamento da dor crônica, ainda são necessários mais estudos clínicos para consolidar as evidências científicas sobre sua segurança e efetividade. De maneira semelhante, Johnson et al. (2024) afirmam que, apesar dos avanços nas pesquisas sobre o canabidiol, ainda existem lacunas na literatura científica que demandam investigações mais aprofundadas, especialmente no que se refere à padronização de doses, formas de administração e avaliação de efeitos a longo prazo.

CONCLUSÃO

Portanto, observa-se que o uso do canabidiol (CBD) tem sido apontado na literatura como uma alternativa terapêutica relevante no tratamento da dor crônica. As evidências indicam que os compostos derivados da *Cannabis sativa* atuam no sistema endocanabinoide, contribuindo para a modulação da dor e de processos inflamatórios relacionados a diferentes condições clínicas. Além disso, os estudos analisados demonstram que o uso do CBD pode estar associado à redução da intensidade da dor, à melhora da qualidade do sono e a impactos positivos na qualidade de vida de indivíduos que convivem com dor crônica.

Apesar dos avanços observados nas pesquisas sobre o tema, ainda existem lacunas na literatura científica que demandam maior aprofundamento. Nesse sentido, destaca-se a necessidade da realização de novos estudos clínicos que investiguem de forma mais detalhada a eficácia, a segurança, as formas de administração e a padronização das doses do canabidiol no manejo da dor crônica. Dessa maneira, o desenvolvimento de novas pesquisas poderá contribuir para fortalecer as evidências científicas e ampliar a compreensão sobre o potencial terapêutico do CBD no tratamento dessa condição.

Referências

- AGUIAR, Débora Pinheiro et al. Prevalência de dor crônica no Brasil: revisão sistemática. *BrJP*, v. 4, p. 257-267, 2021.
- ALBUQUERQUE, L. et al. Efeitos terapêuticos da cannabis medicinal na dor crônica. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, 2025.
- ALVES, Leonardo Miotto; ALENCAR, Maria Eduarda; MAZZETTI, Ana Carolina. Uso de compostos canabinoides no tratamento de dores crônicas: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Sociedade Científica*, v. 7, n. 1, p. 5030-5046, 2024.
- ALVES, M. et al. Uso de compostos canabinoides no tratamento de dores crônicas. *Revista Científica Multidisciplinar*, v. 5, 2024.
- ASSING, R. et al. Cannabis medicinal na gestão da dor crônica. *Research, Society and Development*, v. 13, 2024.
- BEZERRA, M. et al. O uso do canabidiol no tratamento da dor crônica e outras condições clínicas. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 19, 2024.
- BRANDÃO, Ludmila Rodrigues et al. O uso do canabidiol como tratamento fisioterapêutico da dor crônica: revisão integrativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 11, p. 5316-5330, 2024.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Resolução nº 156, de 5 de maio de 2017**. Dispõe sobre a regulamentação da cannabis para fins medicinais. Diário Oficial da União, Brasília, 2017.
- BRASIL. Conselho Federal de Medicina. **Resolução nº 2.113/2014, de 10 de outubro de 2014**. Dispõe sobre o uso compassivo do canabidiol para o tratamento da epilepsia. Diário Oficial da União, Brasília, 2014.
- GUIMARÃES, Ademara et al. Canabidiol como fitofármaco da dor crônica: revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 1, 2024.
- JOHNSON, T. et al. Cannabidiol (CBD): a systematic review of clinical and preclinical studies. *Life*, v. 14, 2024.
- LONGO, R. et al. Cannabinoids for chronic pain: a rapid systematic review. *Annals of Internal Medicine*, v. 174, 2021.
- LOPES JÚNIOR, J. et al. Uso de cannabis e seus derivados no manejo da dor crônica. *Brazilian Journal of Pain*, v. 6, 2023.
- MACHADO, Laiane dos Santos Ribeiro; ASSIS, Nayara Martins Liger; RODRIGUES, Juliana Lima Gomes. Potencial analgésico do canabidiol no tratamento da dor crônica: revisão integrativa. *Revista Artigos.Com*, v. 34, 2022.
- MATIAS, Gabriel Ferreira Setton et al. Uso de cannabis para tratamento da dor crônica: revisão sistemática. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, 2022.
- PANNUNZIO, Gilberto Vieira; FERNANDES, Denise Mota Araripe Pereira. Uso da cannabis medicinal para tratamento da dor crônica: revisão integrativa de literatura. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba*, v. 2, n. 1, 2024.
- SILVA, J. et al. Effectiveness of cannabidiol to manage chronic pain. *Cureus*, v. 15, 2023.